

**GIANNI FONTIS CELIA**

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DE  
NOVA VENÉCIA - ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bernadete Marques  
Abaurre

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
IEL - UNICAMP

Celia, Gianni Fontis

C33v      Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova  
Venécia - ES / Gianni Fontis Celia. - - Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Fonologia. 2. Sociolingüística. 3. Mudança  
lingüística. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bernadete Marques Abaurre - Orientadora

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Emílio Gozze Pagotto

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Alkmim

Aprovada em 18/02/2004



## AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente

À Capes, pela bolsa concedida.

A Maria Bernadete Marques Abaurre, por acreditar neste trabalho, por suas valiosas orientações, e por mostrar-se sempre tão compreensível e disponível a me receber até mesmo em seus momentos de folga.

Às professoras Maria Filomena Sândalo e Tânia Maria Alkmin pelas sugestões preciosas durante o Exame de Qualificação.

Aos professores Emílio Gozze Pagotto e Tânia Maria Alkmim por aceitarem participar da Banca Examinadora desta dissertação.

Aos professores do IEL, Maria Filomena Sândalo, Angel H. Corbera Mori, Plínio A. Barbosa, Ingedore Koch, Charlotte Galves, Kanavillil Rajagopalan e Luiz Carlos Cagliari pelos ensinamentos durante os cursos ministrados.

Às queridas amigas Maria Luíza, Adriana, Gladys, Sandra, Suzana, Zenaide, Norma e Silvia Regina, pelo companheirismo na minha difícil estada em Campinas, pelas palavras de apoio e incentivo nos momentos mais difíceis, por me ajudarem com problemas burocráticos quando não estava em Campinas, e sobretudo pelo carinho e amizade que me dedicaram.

Aos informantes venezianos, imprescindíveis à realização deste trabalho, pela paciência e atenção na gravação das entrevistas.

A Lílian Coutinho Yacovenco, pelos ensinamentos, pela valiosa ajuda na minha preparação para a seleção do mestrado, pelas sugestões a este trabalho e por sua amizade.

A meus pais, Custódio e Odinéia, que sempre incentivaram (e ainda o fazem) e que não me



deixaram desistir.

A minha Vó Nélia, com quem pude contar sempre, e que, à sua maneira, me ajudou a seguir em frente.

Ao Agnaldo, pelo apoio e companheirismo, por acreditar em mim, às vezes mais do que eu mesma, pela valiosa contribuição num dos momentos mais importantes deste trabalho quando aprendemos juntos a usar o programa estatístico, por todos os momentos, inumeráveis, em que me ajudou neste trabalho e esteve a meu lado, sempre me incentivando, e por seu carinho e paciência nos momentos de crise.

Ao Kiko, companheiro fiel.



# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	13
<b>LISTA DE SÍMBOLOS</b> .....	15
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	17
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	19
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>2. HISTÓRICO DA LITERATURA</b> .....	23
<b>2.1. Jacyra Mota (Mota, 1979)</b> .....	25
<b>2.2. Leda Bisol (Bisol, 1981, 1988)</b> .....	27
<b>2.3. Maria do Carmo Viegas (Viegas, 1987, Viegas &amp; Veado, 1995)</b> .....	29
<b>2.4. Myrian Barbosa da Silva (Silva, 1989, 1991)</b> .....	32
<b>2.5. Stella Maris Bortoni (Bortoni, et al., 1991)</b> .....	36
<b>2.6. Lilian Yacovenco (Yacovenco, 1993)</b> .....	37
<b>2.7. Quadro Comparativo</b> .....	40
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	43
<b>3.1. A comunidade de fala</b> .....	43
<b>3.2. Amostra</b> .....	46
<b>3.3. Coleta de Dados</b> .....	47
<b>3.4. Processamento dos Dados</b> .....	47
<b>3.5. O tratamento estatístico</b> .....	53
<b>3.6. Definição de Variáveis</b> .....	55
3.6.1. Variável Dependente .....	56
3.6.2. Variáveis Independentes.....	56
<b>4. RESULTADOS</b> .....	61
<b>4.1. Alçamento de E e O</b> .....	62

4.1.1.	Nasalidade .....	62
4.1.2.	Tônica .....	63
4.1.3.	Distância .....	64
4.1.4.	Pretônica Seguinte .....	65
4.1.5.	Atonicidade.....	66
4.1.6.	Consoante precedente.....	68
4.1.7.	Consoante seguinte.....	69
4.1.8.	Estrutura da sílaba .....	70
4.1.9.	Faixa Etária.....	71
<b>4.2.</b>	<b>Abaixamento de E e O</b> .....	<b>72</b>
4.2.1.	Tônica .....	72
4.2.2.	Distância .....	73
4.2.3.	Pretônica Seguinte .....	74
4.2.4.	Atonicidade.....	75
4.2.5.	Consoante Precedente.....	76
4.2.6.	Consoante Seguinte .....	77
4.2.7.	Estrutura da Sílaba.....	78
4.2.8.	Faixa Etária.....	78
<b>5.</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>81</b>
<b>5.1.</b>	<b>Contexto Vocálico</b> .....	<b>81</b>
5.1.1.	Alteamento .....	81
5.1.2.	Abaixamento.....	84
<b>5.2.</b>	<b>Nasalidade</b> .....	<b>87</b>
<b>5.3.</b>	<b>Consoantes Precedentes</b> .....	<b>90</b>
5.3.1.	Alteamento .....	90
5.3.2.	Abaixamento.....	92
<b>5.4.</b>	<b>Atonicidade</b> .....	<b>93</b>
<b>5.5.</b>	<b>Estrutura da Sílaba</b> .....	<b>95</b>
<b>5.6.</b>	<b>Faixa Etária</b> .....	<b>97</b>
<b>5.7.</b>	<b>Considerações Gerais</b> .....	<b>98</b>

<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	105
<b>ABSTRACT</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	109



## RESUMO

O presente trabalho pretende contribuir para a caracterização do dialeto capixaba e sua relação com os demais dialetos brasileiros, através de um estudo sociolinguístico variacionista realizado a partir da fala de 9 informantes do sexo feminino do município de Nova Venécia, Espírito Santo. O *corpus* utilizado no estudo compreendeu 2.950 realizações de vogais pretônicas (alteamento de **E** e **O**/ abaixamento de **E** e **O**) analisadas em relação a 8 fatores lingüísticos (nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica) e 1 fator extralingüístico (faixa etária). Os dados foram submetidos ao modelo estatístico de regressão logística implementado pelo programa Goldvarb através da análise de regressão gradual Step-Up/Step-Down. Os resultados obtidos mostraram que as vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [↔, ↵], e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente da sua tonicidade. Além da vogal seguinte, mostraram-se relevantes para o alteamento das médias pretônicas: sua nasalidade e atonicidade, a estrutura da sílaba em que se encontram e as consoantes a elas adjacentes. Já para o abaixamento os fatores relevantes foram a atonicidade e as consoantes adjacentes. No que diz respeito à realização das vogais médias em posição pretônica, o dialeto capixaba é provavelmente uma região de transição entre os dialetos do sul e do norte do Brasil.



## LISTA DE SÍMBOLOS

[ ]	Transcrição fonética
/ /	Transcrição fonológica
$x \rightarrow y$	x passa a y
$x > y$	x origina y
$x \sim y$	x ou y
$x^*$	x não ocorre
[i]	Vogal alta anterior
[ĕ]	Vogal átona central
[e]	Vogal média-alta anterior
[↔]	Vogal média-baixa anterior
[a]	Vogal baixa central
[↵]	Vogal média-baixa posterior
[o]	Vogal média-alta posterior
[u]	Vogal alta posterior
[i~]	Vogal alta anterior nasal
[e~]	Vogal média-alta anterior nasal
[ã]	Vogal baixa central nasal
[õ]	Vogal média-alta posterior nasal
[u~]	Vogal alta posterior nasal
[t]	Oclusiva alveolar surda
[d]	Oclusiva alveolar sonora
[s]	Fricativa alveolar surda
[z]	Fricativa alveolar sonora
[n]	Nasal alveolar
[l]	Lateral alveolar
[r]	Tepe alveolar
[t♣]	Africada alveopalatal surda
[d ]	Africada alveopalatal sonora
[ʎ]	Lateral palatal

[œ]	Nasal palatal
[ç] ou	Fricativa palatal surda
[ʃ]	Fricativa palatal sonora
[k]	Oclusiva velar surda
[g]	Oclusiva velar sonora
[x]	Fricativa velar
[p]	Oclusiva bilabial surda
[b]	Oclusiva bilabial sonora
[m]	Nasal bilabial
[f]	Fricativa labiodental surda
[v]	Fricativa labiodental sonora
[tʃs]	Africada alveolar surda
/N/	Arquifonema N
/S/	Arquifonema S
E	Vogal média anterior pretônica
O	Vogal média posterior pretônica
C	Consoante
V	Vogal
Hz	Hertz
F <sub>1</sub>	Formante 1
F <sub>2</sub>	Formante 2

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1** - Localização do município de Nova Venécia, Espírito Santo. ....43
- FIGURA 2** - Freqüências dos formantes F1 e F2 registradas em 15 repetições das palavras beleza, perobal e perereca na fala de um informante de Vitória – ES. Os valores referentes a [i, a, u, ɨ, o, ɘ, e] são os valores médios de F1 e F2 para as vogais pretônicas do português apresentados em Moraes *et al.* (1996) .....45
- FIGURA 3** - Percentual de alteamento da vogal média pretônica /e/ em posição inicial de vocábulo em relação à estrutura silábica . .....51



## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Comparação dos fatores favorecedores do alteamento e abaixamento identificados pelos autores citados neste trabalho .....	40
<b>TABELA 2</b> - Comparação dos fatores favorecedores do abaixamento identificados pelos autores citados neste trabalho .....	41
<b>TABELA 3</b> - Símbolos utilizados na codificação dos dados para inserção no programa GoldVarb.....	49
<b>TABELA 4</b> - Exemplo da planilha de codificação dos dados usados para estudo das vogais médias pretônicas em Nova Venécia - ES .....	50
<b>TABELA 5</b> - Resultados apresentados pela <i>análise step-up</i> como a melhor modelagem dos dados para o alteamento de /e/ na variedade de fala de Nova Venécia - ES .....	55
<b>TABELA 6</b> - Frequências e percentuais de ocorrência das variantes envolvidas no fenômeno de variação das médias pretônicas em Nova Venécia – ES .....	61
<b>TABELA 7</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em contexto oral ou nasal.....	62
<b>TABELA 8</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à vogal da sílaba tônica.....	63
<b>TABELA 9</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à distância em que se encontram da sílaba tônica.....	64
<b>TABELA 10</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de vogal pretônica seguinte.....	65
<b>TABELA 11</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à atonicidade da sílaba em que se encontram .....	67
<b>TABELA 12</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação tipo de consoante precedente .....	68
<b>TABELA 13</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação tipo de consoante seguinte .....	69
<b>TABELA 14</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em	

relação à estrutura da sílaba em que se encontram.....	71
<b>TABELA 15</b> - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à faixa etária dos informantes .....	71
<b>TABELA 16</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à vogal da sílaba tônica .....	72
<b>TABELA 17</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de vogal pretônica seguinte.....	74
<b>TABELA 18</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à atonicidade da sílaba em que se encontram.....	75
<b>TABELA 19</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento da pretônica E em relação ao tipo de consoante precedente .....	76
<b>TABELA 20</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de consoante seguinte.....	77
<b>TABELA 21</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à estrutura da sílaba em que se encontram .....	78
<b>TABELA 22</b> - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à faixa etária dos informantes .....	79
<b>TABELA 23</b> - Frequências de alteamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de nasalidade .....	89

## 1. INTRODUÇÃO

A importância da observação e descrição da língua assim como se realiza em situações naturais de interação social - a fala - é ponto consensual entre os lingüistas. Há muito que os estudiosos deixaram de se ater unicamente à modalidade escrita como subsídio para a descrição da estrutura da língua, e a cada dia ganham maior relevância os trabalhos que privilegiam a oralidade e sua diversidade dialetal.

Compreender a língua a partir da realidade de seu uso e identificar sua heterogeneidade e o seu condicionamento a fatores lingüísticos e extralingüísticos é um dos objetivos gerais deste trabalho. A um observador desavisado, as variações da língua que ocorrem na fala dos usuários não passam de desconhecimento da maneira “adequada” de usar essa ou aquela forma ou ainda de uso arbitrário de uma determinada forma lingüística. Segundo Labov, esse “caos” aparente é o resultado da interferência de diversos fatores lingüísticos, sociais e contextuais.

Os estudos variacionistas propõem-se sistematizar esse “caos”, observando detalhadamente quais são os critérios, conscientes ou inconscientes, que levam o usuário da língua, ou de um determinado dialeto, a optar pela variante que irão empregar. Com o auxílio de metodologia adequada e teoria lingüística consistente, o pesquisador poderá, assim, descrever os fenômenos que se propõe investigar e analisar como cada fator interfere nesse fenômeno.

No Brasil, são inúmeros os trabalhos que buscam sistematizar as características na fala dos brasileiros e as peculiaridades de seus dialetos. No entanto, para uma caracterização detalhada dos dialetos e para uma delimitação dialetal mais precisa, dada a vastidão do território, faz necessário uma ampliação no quadro dos estudos dialetológicos e

sociolingüísticos no país.

No que diz respeito a esses estudos, o Espírito Santo encontra-se, por enquanto, isolado entre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, que possuem diversos estudos já elaborados ou em andamento com o objetivo de descrever a fala dos indivíduos naturais dessas regiões. A ausência de trabalhos que levem em conta o dialeto capixaba pode representar uma lacuna importante na caracterização das regiões dialetais brasileiras, pois o dialeto parece constituir-se uma área de transição entre os dialetos do sul e do norte do Brasil.

Dessa forma, este trabalho pretende contrastar os resultados obtidos de informantes nativos do Espírito Santo com estudos similares de outras regiões, e detectar semelhanças ou diferenças no quadro das médias pretônicas que possam associá-lo a dialetos já estudados, caracterizá-lo como um dialeto distinto ou ainda como uma transição entre diversas regiões dialetais conhecidas.

Partindo desses pressupostos, esse trabalho busca descrever a variação lingüística envolvendo as vogais médias pretônicas /e, o/, que podem realizar-se ora como [e, o], ora como [i, u] ou ainda como [↔, ↵], na variedade culta da fala de Nova Venécia, Espírito Santo.

## 2. HISTÓRICO DA LITERATURA

Segundo alguns pesquisadores, a variação das vogais médias pretônicas remonta ao Português do século XVI, ou como querem outros, à primeira metade do século XIV, segundo documentos dessa época (Naro, 1971). Contudo, as oscilações relativas às variantes altas e médias parecem ter sido herdadas do latim, onde foram identificadas flutuações desde os séculos IV a VI (Bisol, 1981, p. 255).

No Brasil, os estudos que remetem ao comportamento das médias pretônicas datam de 1922, quando Antenor Nascentes (1953) publicou “O linguajar carioca”. Em sua obra, Nascentes apresenta uma divisão dialetal baseada em suas impressões de viagem pelas diversas regiões do território brasileiro. A clássica divisão de Nascentes começa com dois grandes grupos, Norte e Sul. Dentre as principais características consideradas por Nascentes para elaborar essa divisão está a ocorrência, segundo ele, de vogais pretônicas abertas nos falares do Norte, e sua ausência nos do Sul. Essas regiões foram divididas em subfalares, que estariam ainda divididos em falares. O grupo do Sul dividir-se-ia em quatro subfalares, entre eles o Fluminense, no qual estaria localizado o Espírito Santo juntamente com o Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais (região da Mata e parte do leste do estado).

São diversos os autores que abordam o caso das pretônicas do ponto de vista de suas impressões da fala ou baseados em dados que apenas exemplificam o que ocorre na língua ou em seus dialetos. Mattoso Câmara Júnior (1994)<sup>1</sup>, ao descrever as vogais do português, utiliza como base o dialeto carioca e relata a ocorrência de 5 vogais em posição pretônica. O triângulo de Mattoso, que se compõe de 7 vogais em posição tônica, reduz-se a 5 em

---

<sup>1</sup> Original: Câmara Jr, J. Mattoso. (1970) Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, Vozes.

posição pretônica /i, e, a, o, u/ em consequência da neutralização entre as médias-altas e baixas. Com relação à distinção entre /e, i / e /o, u/ nesta posição, Mattoso destaca que, embora não se possa, nesse contexto, falar de neutralização, as oposições são afetadas, com prejuízo das qualidades médias, em função de uma tendência de harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica. Tal oposição é funcionalmente pobre, e um mesmo vocábulo pode realizar-se com [i, u] ou [e, o] de acordo com registro informal ou formal que adota o falante (Câmara Jr., 1988).

Sobre as pretônicas e o falar capixaba, Abaurre-Gnerre (1981) utiliza-se de casos extraídos de seu próprio dialeto para apresentar uma proposta de interpretação dos padrões rítmicos baseada na velocidade de fala. A autora utiliza o processo de harmonia vocálica do dialeto capixaba como evidência para justificar sua proposta de análise prosódica. Embora o referido artigo não tenha se dedicado exclusivamente ao funcionamento das vogais médias em posição pretônica, tem-se nele uma amostra de como se realizam tais vogais no dialeto. Além dos casos já conhecidos de alteamento de vogal, Abaurre-Gnerre relata também casos de abaixamento das médias pretônicas, o que, segundo a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), não foi cogitado para o dialeto capixaba, que estaria inserido no grupo dos subfalares do sul, onde não seria prevista a realização de vogais de timbre aberto em posição pretônica.

No quadro dos estudos variacionistas sobre o português do Brasil, podem-se encontrar várias dissertações, teses, cujos autores dedicaram-se à investigação do fenômeno das vogais médias pretônicas em diversos dialetos brasileiros. A maioria desses trabalhos foi realizada a partir da constituição de *corpora* que pudessem representar significativamente o dialeto em questão, e os dados foram submetidos a análises

quantitativas e estatísticas.

A seguir, apresentamos alguns dos estudos mais significativos realizados sobre as vogais médias pretônicas em diversos dialetos brasileiros. Deve-se ressaltar que foram mantidos os símbolos usados nas transcrições e os termos originais, referentes aos processos lingüísticos e aos aspectos neles envolvidos, utilizados por cada autor.

### **2.1. A análise de Jacyra Mota (Mota, 1979)**

Em sua dissertação, Jacyra Mota descreve o comportamento das vogais médias em posição pretônica na fala de 5 moradores analfabetos da zona rural de Ribeirópolis, Sergipe. A análise feita por Mota não foi submetida a nenhum tratamento estatístico, o que não diminui a importância do seu trabalho. A autora elenca os itens levantados para a pesquisa e identifica os ambientes que interferem na realização das variantes em questão.

O trabalho foi dividido em duas partes: uma em que a autora analisa os ambientes morfológicos dos vocábulos do *corpus* e sua relação com a variação das médias pretônicas que se realizam como altas, médias ou baixas; e outra, fonética, onde são relacionados os contextos que favorecem essa ou aquela variante.

No que diz respeito à morfologia, a autora conclui que vocábulos com alguns sufixos específicos, como, por exemplo, os sufixos *-inho* e *-mente*, possuem comportamento distinto em relação à realização das médias pretônicas, e que a maioria dos outros sufixos não impõe nenhum tipo de comportamento especial às formas sufixadas.

Na análise que envolve os fatores fonéticos a autora identificou, basicamente, um processo de harmonia vocálica como determinante na “superficialização” de [i, u], [e, o] e [↔, ↵] (Mota, 1979, p. 118). O fator considerado desencadeador da harmonia foi a vogal

tônica alta, imediata ou não. É interessante ressaltar que na maioria dos casos em que a autora considera a vogal tônica alta não imediata como favorecedora da assimilação pode-se localizar entre a pretônica em questão e a tônica do vocábulo uma outra pretônica da mesma altura, como em *negocia* [nigu'sia], *revolvida* [xivu'vida], *comestível* [kumis<sup>o</sup>tivu]<sup>2</sup>, o que nos leva a crer que embora a autora só tenha considerado o fator “vogal acentuada”, uma “vogal inacentuada” também favorece a assimilação vocálica na variedade estudada. Quanto aos casos de vocábulos que alteavam ou abaixavam a pretônica sem que se pudesse explicar o fenômeno pela presença de vogal tônica alta ou baixa (assimilação regressiva) como em *b[i]souro*<sup>3</sup>, *alg[u]dão* e *pr[↔]cisa*, Mota levou em consideração o tipo de segmento consonantal adjacente. Segundo a autora, as consoantes precedentes [+ anterior] como em *pal[i]tó* e *s[i]mente* favorecem a ocorrência de [i], enquanto as consoantes de traço [- anterior] como em *c[u]berta* e *ch[u]calho* favorecem a ocorrência de [u]. As consoantes precedentes [+ anterior, - coronal], [p, b, f, v, m], pelo caráter labial de sua articulação também favoreceriam a ocorrência de [u], como nos seguintes casos apresentados pela autora: *p[u]leiro*, *b[u]lacha*, *f[u]gão* e *m[u]leira* (Mota, 1979, p. 126-29). As ocorrências de [↔, ↵] seriam, por sua vez, favorecidas por uma soante precedente [- lateral, - nasal] /x/ de *pr[↵]cissão* e *pr[↔]firo* e pela consoante contínua seguinte [-anterior, -coronal] /x/ como *p[↔]rdido*, *v[↔]rdura* e

---

<sup>2</sup> Cf. transcrição da autora (Mota, 1979, p. 125)

<sup>3</sup> Os exemplos apresentados neste trabalho terão a vogal pretônica do vocábulo transcrita conforme a realização relatada pelos autores dos trabalhos citados, dessa forma, tem-se para o vocábulo *menino*, por exemplo, a forma alteada *m[i]nino*.

*Journal* (Mota, 1979, p. 140-45).

Embora a autora também aponte o segmento consonantal adjacente como fator relevante no comportamento das vogais médias pretônicas de Ribeirópolis, o que parece ser básico é que tais vogais se submetem a uma regra de harmonia vocálica onde o traço de altura da pretônica é determinado em função do traço de altura da vogal tônica, como destaca a autora, ou em função de uma pretônica contígua de mesma altura, como se pode observar dos dados apresentados na dissertação de Mota (1979).

## **2.2. Leda Bisol (Bisol, 1981, 1988)**

Em sua tese intitulada “Harmonização Vocálica: uma regra variável”, Leda Bisol descreve e analisa o comportamento das vogais médias em posição pretônica na fala de moradores do estado do Rio Grande do Sul. Seu *corpus* foi composto por dados de 44 informantes gaúchos, distribuídos de acordo com sua origem étnica: metropolitanos (açorianos), italianos, alemães e fronteiriços (uruguaio).

Bisol utiliza a metodologia laboviana para descrever os ambientes favorecedores da harmonia vocálica no dialeto e buscou postular uma regra variável em que se encaixassem todos os dados encontrados. Além disso, procedeu a uma análise fonética para caracterização acústica das vogais médias pretônicas e suas variantes.

A autora identificou que o processo de harmonia vocálica no dialeto em questão é desencadeado por uma vogal alta da sílaba seguinte independentemente da sua tonicidade, e que pode atingir uma (*adormec[i]ria*), algumas (*adorm[i]c[i]ria*) ou todas as vogais médias do contexto (*ad[u]rm[i]c[i]ria*) (Bisol, 1981, p. 111, 259). Na análise de Bisol, a

vogal alta anterior [i] atua na elevação de /e/ e /o/ com a mesma intensidade, sendo altamente favorecedora de ambas as elevações. Já a vogal alta posterior [u], no entanto, favorece apenas a elevação de /o/ (*ac[u]stuma*), atuando esporadicamente para o alteamento de /e/ (*r[e]cuperação, s[i]gunda*). Bisol conclui ainda que uma vogal alta, tônica ou não, em sílaba não imediata à pretônica (*melancia, coleguismo*), não tem força para desencadear a harmonia, e que as vogais não altas inibem o processo (*p[e]lava, l[e]gal, m[e]mória, v[e]lório*). Outro fator altamente determinante na ocorrência dessa ou daquela variante é a nasalidade das vogais médias pretônicas. A vogal anterior média /e/, quando nasalizada, tende a realizar-se como alta (*ac[i]ndido*), enquanto que para /o/ o efeito é inverso, a nasalidade da vogal pretônica tende a preservar a média posterior (*contido*). Dentre os fatores que podem influenciar na realização alta das médias está o contexto consonantal precedente e seguinte. A consoante oclusiva velar, tanto em posição precedente quanto seguinte (*qu[i]rido, p[i]queno*), tende a favorecer o alteamento de /e/, assim como a consoante palatal seguinte (*m[i]lhor*). A oclusiva velar em posição precedente (*c[u]stela, c[u]mecei*) atua também na regra de alteamento de /o/, juntamente com a palatal seguinte (*c[u]nheço*) e a labial precedente e seguinte (*b[u]neca, t[u]mate*) favorecem o alteamento de /o/. Um último ambiente lingüístico foi descrito por Bisol como determinante na aplicação da regra de harmonia. O caráter de atonicidade da pretônica no processo derivativo dos vocábulos pode inibir ou favorecer o alteamento. Quando a atonicidade é mantida durante toda a derivação como em *menino > meninice* (átone permanente), o alteamento é motivado, já quando essa atonicidade é casual como ocorre em *ferro > ferreiro* ou em *cabelo > cabeludo* (átone casual), a regra de alteamento é com frequência preterida. As vogais médias classificadas pela autora como átonas variáveis

encontram-se nos verbos da 3ª conjugação e irregulares da 2ª (*ferir* > *firo* > *ferirei*, *poder* > *pode* > *pude*) e também favorecem o alteamento devido à abundância de vogais altas em seus paradigmas (Bisol, 1981, p. 98-103).

No que diz respeito aos fatores extralingüísticos considerados pela autora (etnia, sexo, situação de fala e idade), apenas a faixa etária e a etnia mostraram-se significantes. São os mais velhos que empregam com maior frequência a regra de alteamento, o que leva a autora a sugerir, com cautela, que no dialeto gaúcho a harmonia vocálica seria um processo em via de regressão (Bisol, 1981, p. 86). Já para as etnias, a autora estabelece uma ordem decrescente de acordo com o grau de aplicação da regra. São os metropolitanos, cuja única língua é o português, os que mais empregam a regra de alteamento, seguidos pelos bilíngües (italianos, alemães e fronteiriços), o que parece indicar que o alteamento é um fenômeno típico do português.

Como era de se esperar, e de acordo com a caracterização feita por Nascentes (1953) não foi registrada por Bisol nenhuma ocorrência de variante aberta [↔, ↵] no dialeto.

### **2.3. Maria do Carmo Viegas (Viegas, 1987, Viegas & Veado, 1995)**

O estudo da variedade dialetal presente na região metropolitana de Belo Horizonte elaborado por Viegas (1987) tomou como *corpus* de análise uma amostra da fala de 16 informantes de ambos os sexos distribuídos em dois grupos sócio-econômicos e de duas faixas etárias (jovens e velhos). Com o objetivo de analisar os ambientes estruturais e não-estruturais que favorecem a elevação das vogais médias pretônicas, a autora utilizou-se

também da metodologia quantitativa laboviana.

Viegas rejeita em sua dissertação a regra<sup>4</sup> categórica postulada por Lemle (1974) que prevê a presença de uma das vogais altas na sílaba tônica como condição para elevação das médias, assim como a presença de [a] na sílaba seguinte para impedir o alçamento. No entanto, como se poderia prever, Viegas, a partir de seus dados, conclui que uma regra categórica como a de Lemle não consegue descrever o comportamento das vogais médias nos dialetos brasileiros, pois o processo é variável.

Os ambientes que propiciam a elevação são diversos, e não são exatamente os mesmos para /e/ e /o/. Diferentemente do que estabelece a regra de Lemle, os dados mostram que os traços [+ alto] ou [+ acento] favorecem o alçamento, porém não o determinam, bem como a presença de [a] na sílaba seguinte não bloqueia totalmente a elevação, embora a desfavoreça. Em relação à variável /e/, foram identificados pela autora 3 ambientes que atuam a favor da elevação (Viegas & Veado, 1995, p. 58-63):

a) /e/ em início de palavra: *[i]ntão, [i]nganado*;

b) /e/ seguido de sílaba contendo vogal alta acentuada: *s[i]rviço, m[i]nino, n[i]nhum*;

c) /e/ em sílaba inicial DE ou DES: *d[i]mais, d[i]sligado*;

Já os ambientes que tendem a impedir a elevação são:

a) /e/ seguido de sílaba contendo vogal baixa acentuada: *negócio, interessa*,

---

V  $\text{[+ alto]}/\#$  X \_\_\_ Q V Y

$\left[ \begin{array}{l} \beta \text{ retraído} \\ \beta \text{ arredondado} \end{array} \right]$

$\left[ \begin{array}{l} + \text{ acento} \\ + \text{ alto} \end{array} \right]$

Condições:

(1) todas as vogais contidas em Q são

$\left[ \begin{array}{l} \alpha \text{ retraído} \\ \alpha \text{ arredondado} \end{array} \right]$

(2) Q não contém limite de morfema derivador de adjetivo.

*medalha;*

b) /e/ seguido de sílaba contendo /e/: *segredo, veteranos;*

c) /e/ seguido de sílaba /a/ acentuado: *tentava, pedaços;*

d) /e/ não inicial, em sílaba travada: *verdura, permitir;*

e) /e/ alternando-se com uma realização tônica com timbre aberto<sup>5</sup>: *divertir* (diverte), *integrar* (integra), *aparecendo* (aparece);

f) /e/ em sílaba CCV: *probleminha, tremar.*

Para a variável [o], os ambientes encontrados na amostra de Viegas favorecendo o alçamento foram (Viegas & Veado, 1995, p. 63-7):

a) /o/ seguido de vogal alta acentuada: *d[u]rmindo, b[u]nito, c[u]stume;*

b) /o/ seguido de nasal: *c[u]nhecer, b[u]neca, c[u]meçando;*

Desfavorecendo a elevação de /o/ encontram-se os mesmos ambientes de /e/, porém em diferentes proporções.

Pode-se perceber pela descrição dos ambientes favorecedores e desfavorecedores do alteamento feita por Viegas, que a autora, em alguns casos, identifica variáveis diferentes das empregadas em outros trabalhos (Bisol, 1981, Silva, 1989). O ponto de articulação das consoantes, por exemplo, foi dividido em anterior e posterior, enquanto os demais trabalhos fazem uma abordagem que privilegia o ponto de articulação das consoantes (alveolar, palatal, velar e labial). A autora considera também em sua análise o modo de articulação das consoantes adjacentes (sonorante e obstruinte).

Das considerações finais destacadas por Viegas, vale ressaltar a observação feita

---

<sup>5</sup> Esse item equivale ao que Leda Bisol (1981) chamou de atonicidade casual baixa, quando no paradigma derivacional de determinado vocábulo a pretônica já foi tônica (ferro > ferrugem).

pela autora de que a harmonia vocálica, assim como proposta por Bisol (1981)<sup>6</sup>, parece aplicar-se mais aos casos de alteamento de /e/, enquanto que o alteamento de /o/, que segundo Viegas parece estar mais relacionado com as consoantes adjacentes do que com vogal seguinte, encaixa-se mais na proposta de “levantamento de vogal” feita por Abaurre-Gnerre (1981), onde, num processo de redução, ocorreria a diminuição da diferença articulatória das vogais em relação aos segmentos adjacentes.

No que diz respeito às variáveis não lingüísticas consideradas por Viegas, todos os índices demonstraram a neutralidade dos fatores sociais. Foi identificado apenas um leve favorecimento ao alteamento de /o/ do grupo social mais baixo, no entanto, nada que seja muito significativo e que mereça maior atenção.

Por fim, não foram mencionadas pela autora ocorrências de variantes baixas no dialeto de Belo Horizonte.

#### **2.4. Myrian Barbosa da Silva (Silva, 1989, 1991)**

Myrian Barbosa da Silva, em sua tese sobre as médias pretônicas, levou em consideração o dialeto falado na cidade de Salvador. Utilizando dados do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), o *corpus* compunha-se da fala de 24 informantes selecionados de acordo com a procedência social, o sexo e a faixa etária. A metodologia de análise utilizada por Silva também se baseou na sociolingüística quantitativa desenvolvida por Labov. Para confirmar em seus dados algumas tendências das pretônicas, a autora utilizou-se, além dos dados do NURC, de 2 amostras complementares: 1. dados do “Atlas prévio dos falares baianos” e 2. exemplos extraídos do trabalho de Jacyra Mota, citado aqui anteriormente

---

<sup>6</sup> Assimilação regressiva do traço de altura da vogal seguinte (Viegas, 1987, p. 165)

(Silva, 1989, p. 37).

Diferentemente dos resultados de Bisol (1981), Silva (1989, p. 78-9) identifica para o dialeto baiano duas variáveis dependentes tripartidas: para /e/ as variantes [i, e, ↔] (*esp[i]cial, esp[e]cial, esp[↔]cial*)<sup>7</sup> e para /o/ as variantes [u, o, ↵] (*pr[u]fessor, pr[o]fessor, pr[↵]fessor*). Não existem dúvidas de que o comportamento das médias pretônicas é um dos traços mais marcantes da diferença entre os dialetos do Norte e os do Sul, observado até mesmo por quem não possui conhecimentos lingüísticos sistemáticos. De fato, os dados de Silva justificam esta impressão, pois as variantes mais frequentes foram as médias de traço [+ baixo] [↔, ↵] com aproximadamente 60% das ocorrências, enquanto as variantes [i, u] e [e, o] se dividiram em 40% das ocorrências. Além da proporção das variantes, a sua distribuição pode explicar muito mais da variedade do português falado em Salvador.

De todos os fatores lingüísticos abordados no estudo da “variedade culta de Salvador”, a autora identificou o contexto vocálico subsequente, acentuado ou não, como o principal fator envolvido na variação das médias pretônicas (Silva, 1989, p. 104). De acordo com seus resultados, em contexto de vogal alta [i, u] subsequente, os índices mais elevados são os das variantes altas (*esqu[i]ci, d[u]mingo*), embora a diferença em relação à frequência de ocorrência das variantes baixas [↔, ↵] nesse mesmo contexto (*en[↔]rgia, esp[↵]rtivo*) não tenha sido grande. Do mesmo modo, em contexto de médias [- baixo] [e, o] não nasais, o maior número é de variantes da mesma altura (*p[e]rcebo, g[o]stoso*). Em

---

<sup>7</sup> Nos casos em que alguma pretônica não foi transcrita, como nas realizações de *especial* ([i]sp[i]cial, [i]sp[e]cial, [i]sp[↔]cial), o objetivo era dar ênfase para o alteamento ou abaixamento de uma pretônica determinada.

todos os outros contextos, de vogais com traço [+ baixo] [ $\leftrightarrow$ , a,  $\downarrow$ ] ( $d[\downarrow]$ *méstico*,  $p[\leftrightarrow]$ *daço*,  $n[\leftrightarrow]$ *gócio*), ou com traços [- alto, + nasal] [ $\tilde{o}$ ,  $e\sim$ ] ( $r[\leftrightarrow]$ *dondo*,  $m[\leftrightarrow]$ *renda*) predominam as médias [ $\leftrightarrow$ ] e [ $\downarrow$ ] nas sílabas pretônicas. Como se pode observar, o número elevado de variantes [ $\leftrightarrow$ ,  $\downarrow$ ] deve-se à predominância dos ambientes que as favorecem. É interessante notar nos dados de Silva (1991, p. 82) que o contexto de vogal média-alta [e, o] inibe muito mais a ocorrência de pretônica média-baixa [ $\leftrightarrow$ ,  $\downarrow$ ], do que o contexto de vogal alta [i, u]. Vale a pena reproduzir alguns números: 1. em contexto de vogal seguinte alta, como em *pepino*, *gordura*, *inteligente* e *propriedade* (44,8% de **i**, 15,5% de **e**, 39,9%  $\leftrightarrow$ ) e (47,8% de **u**, 18,2 de **o**, 33,9% de  $\downarrow$ ), 2. em contexto de vogal seguinte média-alta, como em *respeito*, *modelo*, *gostoso* e *percebi* (6,1% de **i**, 92,9% de **e**, 1,1%  $\leftrightarrow$ ) e (18,2% de **u**, 77,6% de **o**, 4,2% de  $\downarrow$ ).

A autora observou, em alguns contextos, uma distribuição complementar entre as médias [ $\leftrightarrow$ ,  $\downarrow$ ] e [e, o], pois os ambientes vocálicos [ $e\sim$ ,  $\leftrightarrow$ , a,  $\downarrow$ ,  $\tilde{o}$ ] que favorecem as variantes baixas desfavorecem as altas, e os ambientes [e, o] que favorecem as médias-altas desfavorecem as baixas. Baseando-se nessa constatação, a autora estabelece uma regra regional que chamou de “regra categórica de timbre” (Silva, 1989, p. 129), que diz que uma vogal média-alta realiza-se como tal diante de vogal subsequente da mesma altura [e, o] ( $c[e]$ *rveja*,  $c[o]$ *rresse*), e que apresenta uma realização média-baixa nos demais contextos vocálicos [a,  $\downarrow$ ,  $\leftrightarrow$ , u, i,  $\tilde{a}$ ,  $\tilde{o}$ ,  $e\sim$ ,  $u\sim$ ,  $i\sim$ ] ( $d[\downarrow]$ *cumento*,  $dir[\leftrightarrow]$ *triz*,  $g[\leftrightarrow]$ *lado*,  $n[\downarrow]$ *venta*, etc).

Uma outra regra, variável e supra-dialetal, foi estabelecida por Silva e denominada regra "variável de elevação", que modifica o traço de altura das médias pretônicas

tornando-as [+ alto] (*m[u]squito*) preferencialmente no contexto de vogais altas, mas também no contexto de certas consoantes e sob certas condições.

A autora considerou ainda como fatores favorecedores do alteamento de /e/ as consoantes precedentes labial, velar e “alveolar não-lateral” (*trav[i]sseiro*, *aqu[i]cido*, *s[i]mestre*), além das consoantes seguintes palatal e velar (*sem[i]lhante*, *s[i]guro*). Já o alteamento de /o/ é favorecido pelas consoantes velar, palatal e labial em posição precedente (*c[u]stela*, *ch[u]calho*, *b[u]tão*), bem como pelas consoantes palatal, labial, alveolar em posição subsequente (*t[u]lhidas*, *d[u]mingo*, *diret[u]ria*). A atonicidade da sílaba a que pertence a pretônica também foi levantada por Silva como fator favorecedor do alteamento: a vogal átona casual média (*cabeleira*) e a casual variável (*diversão*) favorecem a realização alteada de /e/, enquanto a vogal átona casual variável (*cobertor*) e a átona permanente (*colégio*) favorecem o alteamento de /o/.

No que diz respeito aos fatores extralingüísticos levados em conta na análise, idade, sexo e procedência social, os resultados da pesquisa apontam para a neutralidade de todos eles (Silva, 1989, p. 190-91).

Assim como nos resultados de Mota (1979) e principalmente nos de Bisol (1981), as médias pretônicas do dialeto baiano parecem estar sujeitas a uma regra variável de harmonia vocálica onde a pretônica tende a assimilar o traço de altura da vogal da sílaba subsequente. De fato, existe no dialeto uma predominância incontestável das variantes baixas, assim como previu Nascentes (1953).

## 2.5. Stella Maris Bortoni (Bortoni, *et al.*, 1991)

Em seu trabalho sobre o /e/ pretônico, Bortoni *et al.* analisam duas variedades do português brasileiro: a de falantes de Alagoas, divididos entre os que residem no estado e os que emigraram para Brasília, já adultos, e a de falantes nascidos e criados em Brasília. O objetivo de Bortoni é o de verificar a hipótese de que a variedade que vem se formando em Brasília é um “denominador comum”, segundo suas palavras, das falas brasileiras, onde tendem a desaparecer os traços típicos dos falares regionais.

Em sua análise, a autora considera os fatores: a) vogal seguinte; b) consoante precedente; c) consoante seguinte; d) nasalidade da vogal pretônica; e) tonicidade subjacente<sup>8</sup>. Entre os fatores não lingüísticos, estão o sexo do falante e o local de residência.

Para os brasilienses, as vogais seguintes que mais favorecem a elevação são as altas, orais e nasais [i, i~, u, u~] (*acredito, menino, veludo, nenhuma*)<sup>9</sup> e a anterior média-alta nasal [e~] (*pequeno*). Para os alagoanos, os ambientes mais favoráveis ao alteamento são as vogais altas nasais [i~, u~] e a alta anterior oral [i]. Bortoni ainda observa que para os alagoanos, as vogais seguintes [e~, ↔, a, a~, ↵, o~, u], que desfavorecem a elevação, favorecem o abaixamento. Esse aspecto bastante interessante, juntamente com a tonicidade subjacente<sup>10</sup>, leva a autora a concluir que na variedade alagoana, onde o abaixamento se faz

---

<sup>8</sup> Enquanto Bortoni *et al.* (1991) falam em “tonicidade subjacente” Leda Bisol (1981) fala de “atonicidade”. As autoras, assim, tratam de um mesmo problema sob focos diferentes.

<sup>9</sup> Os vocábulos inseridos para exemplificar o trabalho de Bortoni não estão apresentados conforme a realização, pois a autora não fornece exemplos em seu artigo.

<sup>10</sup> Ao analisar a tonicidade subjacente da pretônica, a autora conclui que o /e/ mais sujeito à elevação é o que

presente, diferentemente da fala brasiliense, o abaixamento e a elevação das pretônicas são regras variáveis concorrentes, pois os ambientes que favorecem uma das regras desfavorecem a outra. Essa mesma característica foi notada também por Silva (1989) quando observou haver uma distribuição complementar entre as variantes [e, o] e [↔, ↵]. Quanto aos alagoanos que migraram para Brasília, Bortoni constata maior incidência de elevação e menor de abaixamento. Embora a fala dos migrantes não mantenha o mesmo padrão dos alagoanos fixos de Alagoas, também não assimilou totalmente a variedade de Brasília.

Outros fatores relevantes para o alteamento de /e/ identificados por Bortoni foram as consoantes precedentes e seguintes e a tonicidade subjacente. Na fala dos brasilienses, uma palatal precedente (*conheci*) e uma labial seguinte (*futebol*) favorecem a elevação, bem como as vogais de sílabas permanentemente átonas (*seguro* > *segurança* > *segurar*). Para os alagoanos apenas uma velar posterior (*pequena*) contribui para o alteamento juntamente com vogais de sílabas átonas permanentes e de formas verbais (*vestir* > *visto* > *vestido*). Já no abaixamento da fala dos alagoanos, são favorecedoras as velares, labiais e palatais precedentes (*recente*, *movido*, *gelado*) e a palatal seguinte (*projeto*). Da mesma forma as vogais de sílabas cuja tonicidade é eventual (*mora* > *moraria*) favorecem o abaixamento de /e/.

## 2.6. Lílían Yacovenco (Yacovenco, 1993)

A dissertação de Lílían C. Yacovenco, utilizando a metodologia laboviana, aborda a questão das médias pretônicas levando em consideração a fala culta do dialeto carioca. O

---

ocorre nas formas verbais (*ferir* > *firo* > *ferirei*), ambiente em que o abaixamento é menos favorável.

*corpus* utilizado compôs-se da fala de 18 informantes do Projeto NURC selecionados segundo a zona de residência, sexo e faixa etária.

Dentre os fatores levantados por Yacovenco estão os sociais (descritos acima), morfológicos (grau de parentesco<sup>11</sup> e tipo de sufixo da palavra) e fonológicos (tipo de vogal pretônica, distância, vogal tônica, vogal átona subsequente, atonicidade, modo e ponto de articulação da consoante anterior e seguinte).

Segundo a autora, a realização média das pretônicas [e, o] prevalece sobre a realização alta [i, u], o que a leva a considerar as médias como padrão na fala dos cariocas. Talvez por causa disso, a autora adote uma maneira diferente (em relação aos outros trabalhos) de lidar com os dados que obteve. Todo o seu trabalho parte do tratamento da manutenção de /e/ e /o/ e descreve então todos os ambientes que favorecem a manutenção das médias<sup>12</sup>.

Dentre os ambientes favorecedores do alteamento, o tipo de vogal tônica é o que mais se destaca. Tanto a alta homorgânica quanto a alta não homorgânica [i, u] favorecem a alteamento de /e/, já o alteamento de /o/ é favorecido apenas pela vogal tônica não homorgânica [i]. Com base nisso, a autora considera que uma regra de harmonização vocálica atua diferentemente sobre a vogal média anterior /e/ e sobre a vogal média

---

<sup>11</sup> O fator considerado por Yacovenco (1993) como “Grau de Parentesco” diz respeito à possibilidade de uma palavra poder ter uma vogal alterada em consequência de uma paradigma com base alternante (vestir : vistir, tolice : tolo, dedicado : dedico).

<sup>12</sup> Para mantermos uma padronização na apresentação dos resultados de todos os trabalhos descritos aqui, foi feita uma interpretação dos resultados de Yacovenco, para serem apresentados os ambientes favorecedores do alteamento.

posterior /o/.

Os demais ambientes lingüísticos que interferem na realização das vogais médias pretônicas do dialeto carioca são o ponto e modo de articulação das consoantes precedentes e seguintes e a atonicidade. A consoante velar precedente e seguinte<sup>13</sup> é a principal favorecedora do alteamento de /e/, assim como o modo de articulação lateral precedente e as nasais e oclusivas seguintes. O alteamento de /o/, por sua vez, é favorecido por uma velar precedente, por uma labial precedente e seguinte e por uma africada seguinte. Também favorecem a elevação de /o/ os modos oclusivo precedente e africado, nasal, fricativo e vibrante seguintes. No que diz respeito à atonicidade, as átonas permanentes favorecem o alteamento tanto de /e/ quanto de /o/ e ainda as átonas casuais médias também favorecem a elevação de /o/. A autora identificou ainda, entre os fatores morfológicos considerados, que os vocábulos com sufixos verbais favorecem o alteamento de /e/ e de /o/.

É importante destacar que a pesquisa de Yacovenco (1993) registrou ocorrências de vogais médias pretônicas de timbre aberto [↔, ↵]. Embora o percentual de ocorrência dessas variantes fosse muito baixo (4,7%) em relação às outras variantes registradas no dialeto [i, e, o, u], a autora obteve indícios de que um fenômeno de harmonia vocálica, assim como ocorre para o alteamento, seria a interpretação mais apropriada para o abaixamento identificado no Rio de Janeiro.

---

<sup>13</sup> Não foram apresentados exemplos para o dialeto carioca devido a sua ausência no trabalho de Yacovenco (1993).

## 2.7. Quadro Comparativo

TABELA 1 – Comparação dos fatores favorecedores do alteamento identificados pelos autores citados neste trabalho.

FATORES	ALTEAMENTO					
	Bisol (gaúchos)		Silva (baianos)		Viegas (mineiros)	
	E	O	E	O	E	O
NASALIDADE	nasal	oral	--	--	--	--
TÔNICA	i	i,u	i	i,u	i,u	i,u
PRETÔNICA SEGUINTE	i	i,u	i	i,u	i,u	i,u
DISTÂNCIA	--	--	--	--	--	--
ATONICIDADE	Átona permanente e variável	Átona permanente e casual variável	Casual média e variável	Átona permanente e casual variável	Casual com alternância <sup>14</sup>	Átona permanente e casual s/ alternância
CONSOANTE PRECEDENTE	velar	velar e labial	Labial, velar e "alveolar não-lateral"	Velar, palatal e labial	--	Obstruinte
CONSOANTE SEGUINTE	Velar e palatal	Palatal e labial	Palatal e velar	Palatal, labial e alveolar	Sonorante	Nasal e obstruinte(modo) Palatal (ponto)
SÍLABA	--	--	--	--	Travada por fricativa	CVC e CV <sup>15</sup>
FAIXA ETÁRIA	+ velhos	+ velhos	+ velhos <sup>16</sup>	+ velhos	--	--
SEXO			homens	homens	--	--
GRUPO SOCIAL			--	--	Baixo	--
ETNIA	Metropolitanos e italianos	Metropolitanos e italianos	--	--	--	--

<sup>14</sup> De acordo com a classificação feita por Viegas (1987), as átonas casuais sem alternância equivalem às átonas casuais médias (vende>vendeu, moço>mocinho) e as átonas casuais com alternância, equivalem às átonas casuais baixas e variáveis (colou>cola, pe<sup>[i]</sup>diu>pede).

<sup>15</sup> As estruturas silábicas que desfavorecem o alteamento de /o/ na análise de Viegas (1987) são CCV e CVN.

<sup>16</sup> Os fatores sociais foram considerados neutros na análise de Silva (1989) devido aos índices probabilísticos estarem muito próximos entre si e próximos a 0,50.

FATORES	Bortoni		Yacovenco (cariocas)		Venecianos	
	E (brasilienses)	E (alagoanos)	E	O	E	O
NASALIDADE	--	--	i,u	i	Nasal	--
TÔNICA	i, i~, u, u~	i, i~, u, u~			i	i,u
PRETÔNICA SEGUINTE	i, i~, u, u~, e~	i, i~, u, u~			i	u
DISTÂNCIA	--	--			--	--
ATONICIDADE	Átona permanente	Átona permanente e formas verbais	Átona permanente	Átona permanente e Casual média	Átona permanente e Casual baixa	Átona permanente
CONSOANTE PRECEDENTE	Palatal	--	Velar	Velar, labial	Palatal e Bilabial	Palatal e Velar
CONSOANTE SEGUINTE	Labial	Velar	Velar	Labial	Velar	Palatal, bilabial e labiodental
SÍLABA	--	--	--	--	Aberta	Aberta
FAIXA ETÁRIA	--	--	--	--	--	+ velhos

**TABELA 2 – Comparação dos fatores favorecedores do abaixamento identificados pelos autores citados neste trabalho.**

FATORES	ABAIXAMENTO					
	Silva (baianos)		Mota (sergipanos)		Venecianos	
	E	O	E	O	E	O
TÔNICA	↔, a, ↓, i, u	↔, a, ↓, i, u	↔, a, ↓, ã, e~, õ	↔, a, ↓, ã, e~, õ	↔, a, ↓	↔, a, ↓
DISTÂNCIA	--	--	--	--	--	--
PRETÔNICA SEGUINTE	↔, a, ↓, i, u	↔, a, ↓, i, u	--	--	↔, a, ↓	↔, a, ↓
ATONICIDADE	--	--	--	--	Casual baixa	Casual baixa
CONSOANTE PRECEDENTE	--	--	/t/, /x/	/t/, /x/	Labiodental	--
CONSOANTE SEGUINTE	--	--	--	--	Alveolar e bilabial	Alveolar, palatal e labiodental
SÍLABA	--	--	--	--	Aberta	--
FAIXA ETÁRIA	+ novos e + velhos	+ novos e + velhos	--	--	Intermediária	Intermediária
SEXO	-- <sup>17</sup>	--	--	--	--	--
PROCEDÊNCIA SOCIAL	NU-1 <sup>18</sup>	NU-1	--	--	--	--
ETNIA	--	--	--	--	--	--

<sup>17</sup> A variável sexo foi considerada irrelevante na análise de Silva (1989).

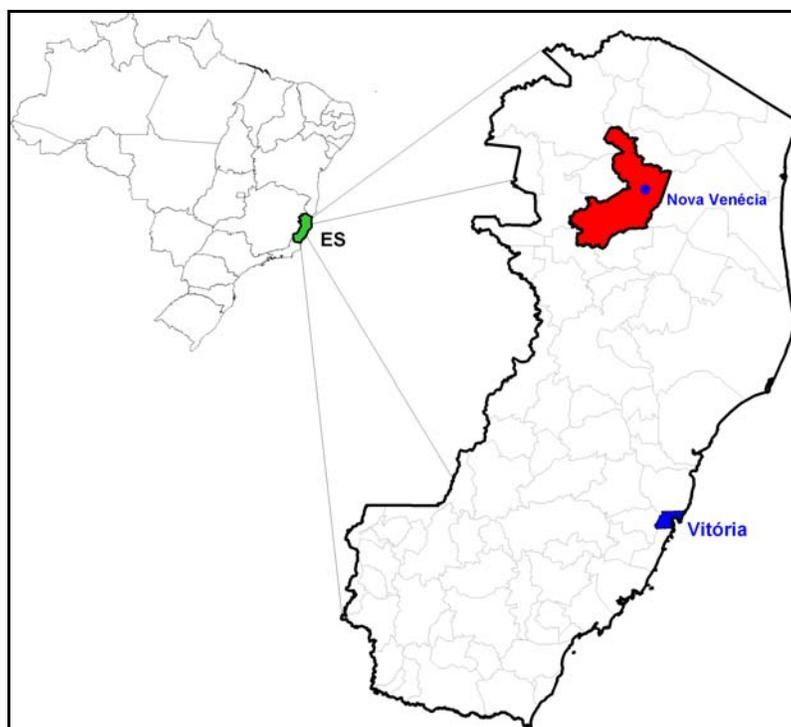
<sup>18</sup> A variável procedência social foi subdividida, na análise de Silva (1989), em NU-1 e NU-2, pais sem formação superior e pais com formação superior, respectivamente

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado com base na metodologia sociolinguística quantitativa, amplamente utilizada para análise de fenômenos variáveis, elaborada e descrita inicialmente por Labov (1972) e presente em (Sankoff & Labov, 1979, Sankoff, 1988) e, para o português brasileiro, em Tarallo (1997), (Mollica & Braga, 2003) e outros.

#### 3.1. A comunidade de fala

Os dados deste trabalho foram obtidos a partir da fala de moradores do município de Nova Venécia localizado na região noroeste do estado do Espírito Santo, a 240 Km de Vitória, a capital do estado.



**Figura 1 - Localização do município de Nova Venécia, Espírito Santo.**

Nova Venécia é um município de 43.015 mil habitantes, sendo 36% dessa

população da zona rural<sup>19</sup>. A economia do município, bem como de toda região norte do estado, gira em torno da produção de café, embora nos últimos anos Nova Venécia venha se desenvolvendo graças à exploração crescente de granito.

O início da colonização de Nova Venécia data de 1870, quando o major Antônio Rodrigues da Cunha instalou-se com seus escravos na região, que até então era habitada por índios denominados Aimorés. Em 1880, uma grande seca no Nordeste trouxe para toda a região norte do estado, inclusive Nova Venécia, inúmeros cearenses e baianos em busca de terras mais férteis e de emprego. Após a abolição da escravatura, começaram a chegar as primeiras famílias de imigrantes italianos que se instalaram às margens do rio Cricaré, que corta a cidade. Foram os italianos que deram nome à cidade. Por serem, em sua maioria, da região italiana do Vêneto, os imigrantes a chamavam “Nova Veneza”, mas, como pronunciavam algo como [ve'n↔t□s)≈.:], com o tempo, a cidade passou a se chamar Nova Venécia<sup>20</sup>.

Assim como em quase todo o Espírito Santo, principalmente no sul do estado, os imigrantes (principalmente italianos e alemães) exerceram papel crucial na fundação de cidades e no desenvolvimento do estado. Em Nova Venécia a cultura italiana exerce forte influência na vida de seus moradores.

A escolha do local da pesquisa se deve, em primeiro lugar, a um interesse na fala do capixaba e, mais especificamente,

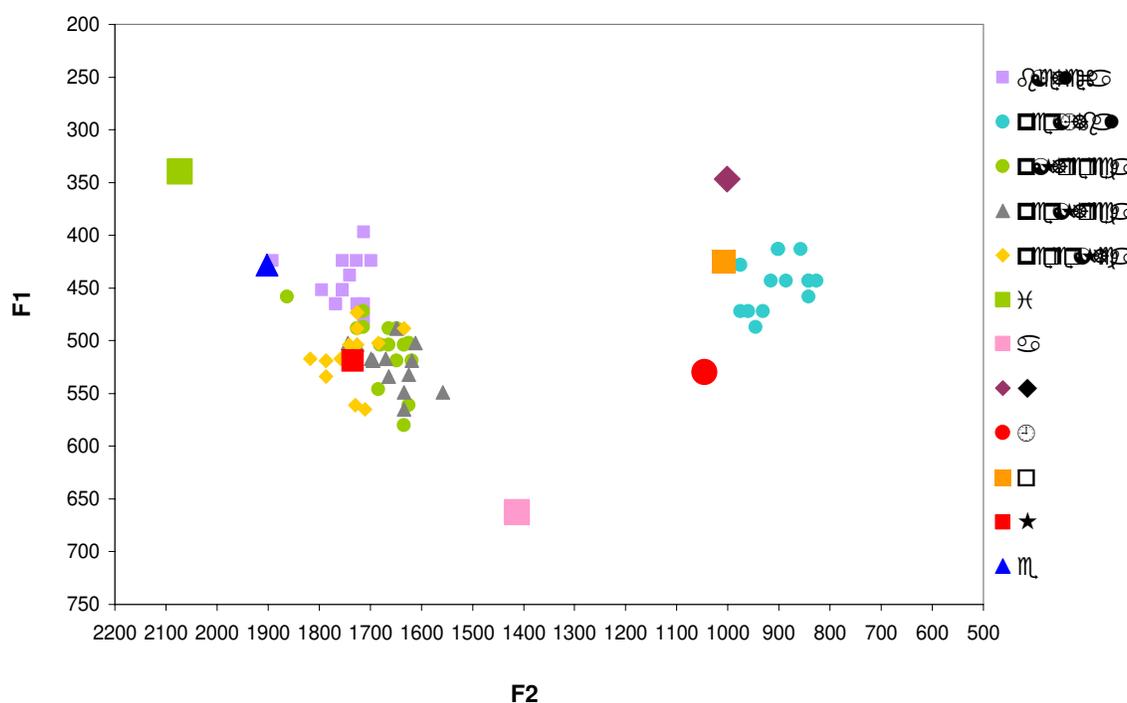
no modo como realizam as vogais médias pretônicas. Um estudo-piloto sobre a caracterização acústica das vogais médias anteriores [e, ↔] em posição pretônica realizado

---

<sup>19</sup> Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br))

<sup>20</sup> Fonte: [http://gazetaonline.globo.com/turismo/municipios.php?tur\\_cid\\_codigo=52](http://gazetaonline.globo.com/turismo/municipios.php?tur_cid_codigo=52)

com um informante de Vitória (Celia, 2001), já havia demonstrado a necessidade de se investigar mais a fundo a realização das vogais médias capixabas. Conforme se observa do gráfico (Figura 2), as vogais médias em posição pretônica<sup>21</sup>, como em *perereca*, podem realizar-se como média-baixa [↔], e essa realização baixa não está apenas no nível auditivo, em que a presença da tônica baixa influenciaria a percepção da pretônica, mas também no nível acústico.



**Figura 2 –** Frequências dos formantes F1 e F2 registradas em 15 repetições das palavras *beleza*, *perobal* e *perereca* na fala de um informante de Vitória – ES. Os valores referentes a [i, a, u, ɔ, o, ↔, e] são os valores médios de F1 e F2 para as vogais pretônicas do português apresentados em Moraes *et al.* (1996).

Em segundo lugar, um interesse particular pela cidade de Nova Venécia levou à

<sup>21</sup> Nesse estudo, a vogal média anterior foi abordada mais detalhadamente do que a média posterior. Sendo assim, é prudente não fazer inferências sobre a posterior com base nas evidências desse trabalho.

realização do trabalho tomando como informantes seus moradores. Dessa forma, mais do que uma caracterização da fala do veneciano, esse trabalho pretende ser uma caracterização inicial da fala do capixaba, e mais amplamente, um novo componente no quadro dos estudos sociolingüísticos no Brasil.

### **3.2. Amostra**

A amostra compõe-se de gravações da fala de 9 informantes do sexo feminino, com o terceiro grau completo e divididos em 3 faixas etárias.

Os informantes foram selecionados levando-se em conta as seguintes características específicas:

- ter nascido na cidade (ou ter chegado até os 5 anos de idade);
- ter vivido a maior parte de sua vida no local;

Nos trabalhos sobre médias pretônicas que levam em conta a variável sexo (Bisol, 1981, Bortoni, *et al.*, 1991, Yacovenco, 1993) não foram identificadas diferenças muito relevantes entre homens e mulheres e, dessa forma, optou-se por não considerar essa variável (cf. Oliveira e Silva, 1996). No entanto, para garantir que não haveria nenhuma possível interferência do sexo do informante na amostra, e devido ao número reduzido de informantes, optou-se por uniformizar a variável sexo, tendo sido entrevistadas apenas informantes do sexo feminino.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, devido ao tamanho necessário da amostra, optou-se somente por informantes com o terceiro grau completo, o que caracteriza a pesquisa como uma descrição da fala culta da comunidade estudada.

A faixa etária foi, assim, a única variável extralingüística considerada no presente trabalho. Os informantes, todos adultos e, portanto de fala já estabilizada, foram

distribuídos em 3 faixas, a saber:

Faixa etária 1: de 25 a 35 anos

Faixa etária 2: de 36 a 55 anos

Faixa etária 3: de 56 anos em diante

### **3.3. Coleta de Dados**

Os dados foram gravados por meio de entrevista, realizada conforme metodologia apresentada em Tarallo (1997) e Oliveira e Silva (1996). Os equipamentos utilizados foram gravador, fita cassete e microfone de lapela. As entrevistas tiveram duração aproximada de 1 hora para cada indivíduo.

Os informantes foram convidados a falar sobre diversos assuntos, desde a história de seus pais e avós, quando sabiam, até fatos da vida cotidiana. Um roteiro de perguntas foi utilizado para a entrevista, o que fez com que os informantes respondessem basicamente às mesmas questões. No entanto, o direcionamento da entrevista era determinado conforme o interesse dos entrevistados por esse ou aquele assunto, o que contribuiu para deixar o informante mais à vontade durante a entrevista. Antes do início das entrevistas foram preenchidas as fichas sociais com os dados de cada informante.

### **3.4. Processamento dos Dados**

Após a gravação das entrevistas procedeu-se à transcrição dos dados. Como o objetivo desse estudo era observar e descrever o vernáculo (ou chegar o mais próximo dele), os 15 minutos iniciais de cada entrevista foram descartados, pois alguns informantes, nesse período, poderiam ainda não estar à vontade com a gravação e conseqüentemente policiar sua maneira de falar. A partir daí, foi feita a transcrição ortográfica de todo o

material sem observar, em princípio, detalhes fonéticos. Com todas as entrevistas devidamente transcritas, foram selecionados todos os contextos que apresentavam vogal média pretônica e realizou-se então a transcrição fonética do vocábulo onde se encontrava a pretônica em questão. Em seguida, os dados foram divididos em 4 planilhas distintas: a planilha 1 continha as ocorrências de /e/, onde seria observado o alteamento, na planilha 2 encontravam-se as ocorrências de /o/ também para descrição do alteamento, nas planilhas 3 e 4, respectivamente, encontravam-se os mesmos dados de /e/ e /o/ das planilhas 1 e 2, porém para rodar as análises do abaixamento.

A seleção dos vocábulos com pretônica média resultou, inicialmente, em 3.214 contextos de **E** e 1.974 contextos de **O**. Após as devidas exclusões (justificadas mais adiante), restaram 1714 contextos de **E** e 1236 contextos de **O**.

O corpus utilizado na análise do abaixamento foi o mesmo utilizado para o alteamento, com exceção dos casos de vogais médias pretônicas nasais que foram excluídos, por não ocorrerem no dialeto casos de pretônica média-aberta nasalizada. Dessa forma, na análise do abaixamento foram utilizados 1548 contextos de **E** e 904 contextos de **O**.

Uma vez que os vocábulos com médias pretônicas estavam todos identificados e transcritos, passou-se à etapa de codificação dos ambientes de ocorrência das vogais médias pretônicas. Os símbolos utilizados para a codificação dos dados foram os apresentados na tabela 3:

TABELA 3 - Símbolos utilizados na codificação dos dados para inserção no programa GoldVarb.

Variável	Código	Descrição
Realização	<b>i</b>	realização pretônica [i]
	<b>e</b>	realização pretônica [e]
	<b>o</b>	realização pretônica [o]
	<b>u</b>	realização pretônica [u]
	<b>E</b>	realização pretônica [↔]
	<b>O</b>	realização pretônica [↓]
Faixa Etária	<b>1</b>	faixa etária 1
	<b>2</b>	faixa etária 2
	<b>3</b>	faixa etária 3
Nasalidade	<b>O</b>	pretônica oral
	<b>N</b>	pretônica nasal
Distância	<b>1</b>	distância 1 da tônica
	<b>2</b>	distância 2
	<b>3</b>	distância 3
Tônica	<b>i</b>	vogal tônica alta anterior [i]
	<b>a</b>	vogal tônica baixa [a]
	<b>m</b>	vogal tônica média [e,o, ↔, ↓]
	<b>u</b>	vogal tônica alta posterior [u]
	<b>~</b>	vogal tônica não alta [e,o, a, ↔, ↓]
<b>E</b>	vogal tônica média-baixa [↔, ↓]	
Pretônica Seguinte	<b>I</b>	vogal pretônica alta anterior [i]
	<b>U</b>	vogal pretônica alta posterior [u]
	<b>A</b>	vogal pretônica baixa [a]
	<b>~</b>	vogal pretônica não alta [e,o, a, ↔, ↓]
	<b>B</b>	vogal pretônica média-baixa [↔, ↓]
<b>M</b>	vogal pretônica média-alta [e, o]	
Atonicidade	<b>p</b>	vogal pretônica átona permanente
	<b>m</b>	vogal pretônica casual média
	<b>b</b>	vogal pretônica casual baixa
	<b>s</b>	vogal pretônica casual variável

Variável	Código	Descrição
Consoante precedente	<b>b</b>	bilabial
	<b>f</b>	labiodental
	<b>x</b>	palatal
	<b>t</b>	alveolar
	<b>k</b>	velar
Consoante seguinte	<b>B</b>	bilabial
	<b>F</b>	labiodental
	<b>X</b>	palatal
	<b>T</b>	alveolar
	<b>K</b>	velar
Sílabas	<b>A</b>	sílaba aberta
	<b>T</b>	sílaba travada

A seguir, eis um exemplo da planilha utilizada na codificação:

**TABELA 4 - Exemplo da planilha de codificação dos dados usados para estudo das vogais médias pretônicas em Nova Venécia - ES**

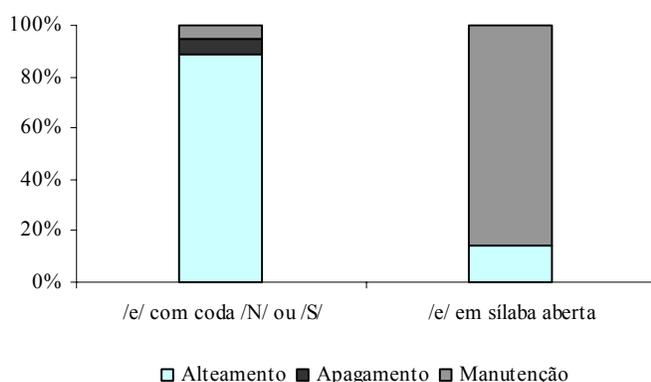
Variante	Realização	F. Etária	O/N	Distância	Tônica	Pretônica	Atonicidade	Seg. anterior	Seg. seguinte	Sílaba
aborrecida	e	2	O	1	i	/	s	k	T	A
oferecia	i	3	O	2	i	I	p	f	T	A

Dessa tabela lê-se: vocábulo **aborrecida**, pretônica realizada com [e], informante da faixa etária 2, pretônica oral, distância 1 em relação à tônica, vogal tônica [i], tipo de pretônica seguinte não se aplica, sílaba de atonicidade variável, consoante anterior velar, consoante seguinte alveolar e sílaba aberta.

Antes de rodar o programa estatístico foram feitas algumas exclusões no *corpus* obtido. Conforme esclarecem Scherre & Naro (2003), os contextos categóricos devem ser excluídos da análise quantitativa, pois o programa estatístico somente é adequado para fenômenos variáveis. Além dos ambientes de ocorrência categórica de uma dada variante,

foram eliminados também ambientes quase categóricos, que não devem ser necessariamente excluídos, mas, conforme as justificativas a seguir, poderiam alterar o resultado final da análise. Eis os ambientes e itens excluídos da análise das médias pretônicas neste trabalho:

- posição inicial de vocábulo: o comportamento das vogais médias nesse contexto parece ser diverso do comportamento daquelas que ocorrem em posição interna ao vocábulo, como também observou Bisol (1981).



**Figura 3 – Percentual de alteamento da vogal média pretônica /e/ em posição inicial de vocábulo em relação à estrutura silábica**

Como se observa na figura 3, /e/ quando seguido de /N/ e /S/<sup>22</sup> em coda silábica, como em *esconde* e *ensinar*, apresenta uma elevação praticamente categórica. Em muitos casos, onde não ocorre o alteamento, dá-se o apagamento da vogal como em [s'kɔɪ], [n'tã←~]. Fora desse contexto, no entanto, podem ocorrer casos em que média é preservada como em *educada*, *elefante*, *energia*. Já o /o/ em posição inicial de vocábulo tende a preservar a média. Nos dados referentes à variedade de fala de Nova Venécia nenhuma das ocorrências de /o/ em início de vocábulo (**o**riginal, **o**lhava, **h**ospital) realizou-se com

<sup>22</sup> Optou-se aqui por representar arqui fonemas em coda silábica como descreve Câmara Jr. (1994).

alteamento.

Dessa forma optou-se por não considerar o contexto de vogal inicial, que parece merecer estudo à parte.

- prefixo des-: os vocábulos com prefixo des- (*d[i]sc[u]briu*, *d[i]struído*, *d[i]sligou*, *d[i]s[i]spero*) foram eliminados da análise por apresentarem uma realização praticamente categórica da variável alteada. Assim como na vogal em início de vocábulo, quando nos casos em que o alteamento não foi registrado, houve um apagamento da vogal como *ds[i]spero*, *dsperta*.

- as nasais: na análise do abaixamento foram excluídos os contextos de vogais nasais ou nasalizadas devido à não ocorrência de vogais médias-baixas nasalizadas no dialeto estudado.

- vocábulos com número elevado de ocorrências: foram excluídos os vocábulos com ocorrência categórica (seja de alteamento, abaixamento ou manutenção da média) superior a 20, a fim de evitar distorções provocadas pela frequência elevada de uma determinada variante. Os vocábulos excluídos e suas respectivas frequências foram: segundo (42), sessenta (23), Venécia (78), veneciano (34), professor (51), pessoa (86), interessante (46), televisão (22), Colatina (22), você (128).

Após todo o trabalho de codificação, os dados, que até então haviam sido manipulados em planilhas do programa Excel da Microsoft, foram preparados para sua inserção no programa estatístico, onde foram analisados.

### 3.5. O tratamento estatístico

Os dados desta investigação foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb 2001<sup>23</sup> (Robinson, *et al.*, October 2001). Na verdade, o programa é uma versão para Windows do GoldVarb 2.0 para Macintosh (Rand & Sankoff, April, 1990). Ainda hoje, os pesquisadores brasileiros trabalham com versões mais antigas do programa Varbrul que utilizam o sistema operacional MS-DOS (Scherre, 1996, Scherre & Naro, 2003) . A primeira versão do Varbrul foi desenvolvida por Cedergren e Sankoff (1974)

O Golvarb 2001 é um programa de análise multivariada, baseado no modelo estatístico de regressão logística, que examina a relação potencial entre diversos fatores (variáveis) envolvidos em um fenômeno variável. Nos estudos variacionistas não é possível determinar categoricamente que um fator específico é o responsável pela distribuição das variantes. Assim, a análise estatística procura revelar os efeitos probabilísticos dos fatores sociais, contextuais e lingüísticos na distribuição das variantes. Nos termos de Carrera-Sabaté (2002) *“the probabilities are used to create a model of the sociolinguistic competence of speakers in order to predict future trends”*.

A análise de regressão logística oferecida pelo Goldvarb e utilizada neste trabalho é denominada *step-up/step-down*, ou processo de regressão gradual (Paolillo, 2002). Num primeiro nível de análise o programa determina o grau de significância dos fatores (variável independente) e do grupo a que pertencem, isoladamente. No segundo nível, chamado de *step-up*, os fatores são analisados em conjunto e são feitas várias combinações de fatores, que começam sempre da mais simples (envolvendo um menor número de fatores), até que o

---

<sup>23</sup> O programa GoldVarb 2001 é distribuído gratuitamente e pode-se fazer o download pelo endereço <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>

*step-up* identifique o melhor modelo ou arranjo (*best step-up*) dos fatores, ou seja, examinando a interação entre os fatores, a análise seleciona aqueles que agem positivamente sobre o fenômeno estudado.

O terceiro nível da análise, *step-down*, é uma espécie de “prova dos nove” (Sherre & Naro, 2003) da regressão. Diferentemente do *step-up*, o *step-down* parte da combinação de fatores mais complexa e vai eliminando gradativamente os fatores. Conforme o *log-likelihood*<sup>24</sup> é alterado, vão sendo eliminados os fatores não significantes até que se chegue ao melhor arranjo de fatores (*best step-down*). No fim, o melhor arranjo do *step-up* e *step-down* serão idênticos.

Para a interpretação dos dados deve-se observar, no resultado da análise:

→ *Input*: valor que indica a probabilidade de aplicação da regra. Quanto mais próximo de 1 maior a probabilidade de aplicação. Todos os fatores avaliados apresentam o mesmo valor de *input* dentro de uma mesma análise *step-up/step-down* efetuada (alçamento de /e/ e /o/, abaixamento de /e/ e /o/).

→ *Probabilidade dos fatores*: a probabilidade dos fatores vai de 0,000 a 1. Para efeito de análise, os valores abaixo de 0,500 são considerados inibidores da regra e os valores acima disso são favorecedores da aplicação da regra. Neste trabalho, os valores entre 0,450 e 0,550 foram considerados neutros de acordo com critério proposto por Fasold (1986).

---

<sup>24</sup> O *log-likelihood* é o resultado de um teste estatístico que calcula quão adequado é o modelo ou arranjo dos fatores selecionados para dar conta dos dados em questão.

→ *Significância*: O nível de significância é um valor estatístico que determina a qualidade da seleção dos fatores. Seu valor deve ser menor que 0,050 e o índice 0,000 é considerado ideal.

A tabela 5 fornece uma imagem do *output* da análise dos dados de alteamento de **E** dessa pesquisa. O exemplo representa o valor de convergência (melhor ajuste dos dados) para o alteamento de /e/. Uma vez que no presente trabalho foram feitas quatro análises *step-up/step-down* (correspondendo ao alteamento e abaixamento de /e/ e /o/), as tabelas de apresentação dos resultados terão os mesmos valores de *input* e significância para cada uma das análises efetuadas.

**TABELA 5 - Resultados apresentados pela análise *step-up* como a melhor modelagem dos dados para o alteamento de /e/ na variedade de fala de Nova Venécia - ES.**

Run # 44, 545 cells:
Convergence at Iteration 15
Input 0,032
Group # 1 -- 2: 0,527, 3: 0,557, 1: 0,421
Group # 2 -- O: 0,418, N: 0,924
Group # 4 -- i: 0,869, m: 0,398, a: 0,307, u: 0,269

### **3.6. Definição de Variáveis**

O pressuposto básico para as pesquisas variacionistas é a existência de mais de uma possibilidade de realização de uma determinada forma lingüística num dado contexto e com o mesmo sentido (Tarallo, 1997). O estudo estatístico permite determinar a

distribuição dessas formas e quais fatores interferem conjuntamente no seu funcionamento, i.e., na forma como se realizam (Carrera-Sabaté, 2002). Existem assim dois grupos de elementos envolvidos no processo de variação: 1. a variável dependente, que é composta pelas variantes lingüísticas que são as formas em variação, 2. as variáveis independentes, que são compostas pelos fatores que condicionam a realização das variantes (Mollica & Braga, 2003).

Eis as variáveis levantadas no estudo das vogais médias pretônicas da fala dos moradores de Nova Venécia.

### 3.6.1. Variável Dependente

No alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foram identificadas as seguintes variantes para cada variável, respectivamente [e, i] e [o, u].

Já para o abaixamento das médias, as variantes foram: para /e/, [e, ↔] e para /o/, [o, ↵].<sup>25</sup>

### 3.6.2. Variáveis Independentes

A seleção dos grupos de fatores para esse estudo baseou-se nos conhecimentos acumulados da literatura lingüística sobre as médias pretônicas em diversos dialetos brasileiros. Assim, foram considerados os fatores identificados como mais relevantes para a aplicação da regra.

- **Nasalidade**

---

<sup>25</sup> Deste ponto em diante, sempre que se fizer referência ao conjunto de variáveis dependentes serão utilizados os símbolos **E** e **O**.

Um estudo das vogais médias pretônicas não poderia deixar de observar a diferença de comportamento das vogais de acordo com seu modo de articulação oral ou nasal. Todos os trabalhos sobre pretônicas, anteriores a este, que consideraram essa variável (Bisol, 1981, Viegas, 1987, Yacovenco, 1993), identificaram uma diferença significativa no comportamento das pretônicas devido ao seu caráter oral ou nasal.

A intenção inicial deste trabalho era analisar as vogais médias nasais ou nasalizadas<sup>26</sup> separadamente. Se assim procedêssemos, o número de variantes da variável dependente seria maior, pois teríamos que considerar como variantes [e, ě, i, i~, o, õ, u, u~]. Como o número de dados do contexto nasal era bastante reduzido, optou-se por estudar esse aspecto como mais um fator condicionante da harmonia. As vogais médias pretônicas foram, portanto, classificadas como: Orais e Nasais.

Vale destacar que essa variável foi levada em conta apenas para as análises de alteamento, pois, como já foi mencionado, não ocorrem médias-abertas nasalizadas no dialeto estudado.

- **Vogal Tônica**

A vogal tônica do vocábulo que contém pretônica média exerce papel crucial na forma como se realizam essas médias, de acordo com o que se pode observar a partir dos resultados dos trabalhos anteriormente citados. Buscou-se aqui, confirmar, ou não, para os dados de Nova Venécia, o efeito da vogal tônica no processo de assimilação vocálica.

Para a análise do alteamento, as vogais tônicas dos vocábulos foram classificadas como: tônica alta anterior [i], tônica alta posterior [u], tônicas médias [e, ↔, o, ↵] e tônica

---

<sup>26</sup> Entenda-se por vogais nasais aquelas em que a nasalidade é categórica como em *mentira* e *ponteiro*, e por vogais nasalizadas aquelas em que a nasalidade é opcional como em *menino* e *comida*.

baixa [a]. Na análise do abaixamento, as vogais tônicas foram reagrupadas da seguinte forma: tônica alta [i, u], média [e, o], média-baixa [↔, ↵] e baixa [a].

- **Distância**

Essa variável refere-se à distância da sílaba com média pretônica candidata ao alçamento ou abaixamento com relação à sílaba da vogal tônica. A classificação feita foi: distância 1, quando as sílabas era adjacentes (*menina*); 2, quando havia uma sílaba interposta entre elas (*medicina*); e 3, quando duas sílabas separavam a tônica da pretônica em questão (*delegacia*).

- **Vogal Pretônica Seguinte**

Assim como a vogal tônica, o tipo de vogal pretônica à direita da média pretônica candidata ao alçamento ou abaixamento (*perigoso*) parece influenciar significativamente na sua realização. Essas vogais foram classificadas assim: vogal alta anterior [i], vogal alta posterior [u] e vogal não-alta [e, ↔, a, ↵, o] para os dados do alçamento; vogal alta [i, u], média [e, o], média-baixa [↔, ↵] e baixa [a] para os dados do abaixamento.

- **Atonicidade**

O grupo de fatores denominado atonicidade refere-se à vogal média candidata ao alçamento ou ao abaixamento e sua propriedade de no processo derivacional tornar-se tônica ou permanecer átona durante todo o paradigma. As denominações utilizadas aqui são as mesmas utilizadas por Bisol (1981): Átona permanente, é aquela que permanece átona durante todo o processo de derivação (*pequena* > *pequeninha*); Átona casual média, a vogal que perde tonicidade durante a derivação com realização de uma vogal tônica média-alta (*medo* > *medrosa*); Átona casual baixa, possui a mesma propriedade da casual média, mas com uma vogal média-baixa em posição tônica (*alegre* > *alegria*); Átona casual

variável, quando na derivação, a vogal que perde ou adquire tonicidade pode realizar-se como média, baixa ou alta (*bebe* > *bebo* > *bebia*).

- **Consoante Precedente**

As consoantes que precedem as vogais médias pretônicas foram agrupadas de acordo com o ponto de articulação: alveolar [t, d, s, z, n, l, r], palatal [tʃ, dʃ<sup>27</sup>, ʃ, ɸ, ʎ, |], velar [k, g, x,], bilabial [p, b, m] e labiodental [f, v].

- **Consoante Seguinte**

Assim como as precedentes, as consoantes seguintes às vogais pretônicas médias também foram agrupadas de acordo com o ponto de articulação: alveolar [t, d, s, z, n, l, r], palatal [tʃ, dʃ, ʃ, ɸ, ʎ, |], velar [k, g, x,], bilabial [p, b, m] e labiodental [f, v].

- **Estrutura Silábica**

Buscou-se com essa variável investigar se a estrutura da sílaba a que pertence a vogal pretônica em questão atua no favorecimento ou desfavorecimento de determinada variante. As sílabas foram classificadas como: aberta e fechada.

- **Faixa Etária**

A faixa etária dos informantes foi dividida em: 1, informantes de 25 a 35 anos; 2, de

---

<sup>27</sup> Para a classificação das consoantes foi levada em conta a pronúncia registrada na fala dos informantes. Do ponto de vista fonológico, no entanto, vale discutir a questão do ordenamento de regras (num modelo derivacional), onde se teria que postular a regra de alteamento e depois a regra de palatalização. Assim, não se poderia considerar as africadas [tʃ] e [dʃ] como palatais e sim com alveolares.

36 a 55 anos; e 3, informantes de 55 anos em diante.

#### 4. RESULTADOS

A tabela 6 apresenta as freqüências e os percentuais de ocorrência das variantes envolvidas no processo de variação das médias pretônicas de Nova Venécia.

**TABELA 6 - Freqüências e percentuais de ocorrência das variantes envolvidas no fenômeno de variação das médias pretônicas em Nova Venécia – ES.**

<b>Alteamento - E</b>		<b>Alteamento - O</b>	
i	e	u	O
240	1474	259	977
14%	85%	20%	79%
Total = 1714		Total = 1236	

<b>Abaixamento - E</b>		<b>Abaixamento - O</b>	
↔	e	↵	o
250	1298	212	692
16%	83%	23%	76%
Total = 1548 <sup>28</sup>		Total = 904	

É interessante observar que a vogal média posterior parece ser mais suscetível de variação que a média anterior. Isso ocorre tanto para o abaixamento quanto para o alteamento onde os percentuais de [u] e [↵] são maiores do que os de [i] e [↔]. Outra tendência evidenciada pelos dados é a da predominância das formas médias [e, o] sobre as altas e baixas [i, u, ↔, ↵]. Embora o fenômeno de variação das vogais pretônicas médias ocupe uma posição de destaque no português do Brasil, registra-se uma preferência pelas

<sup>28</sup> Da análise do abaixamento foram excluídos todos os vocábulos registrados com realização nasal da pretônica.

variantes médias (com exceção da variedade de Salvador). Um dado que merece destaque é que na variedade dialetal aqui estudada o percentual de alteamento é menor que nos trabalhos de Bisol (22% de alteamento de **E** e 33% de **O**), Silva (20% de alteamento de **E** e 15% de **O**), Viegas (33% de alteamento de **E** e 31% de **O**) e Yacovenco (20% de alteamento de **E** e 29% de **O**). Já o abaixamento, que não foi registrado no dialeto gaúcho, ocorre em 4,7% dos dados apresentados para a variedade carioca. Em Nova Venécia, os percentuais de abaixamento não são tão altos quanto os de Salvador (60% do total), no entanto mostraram-se mais freqüentes que o alteamento.

#### 4.1. Alteamento de E e O

##### 4.1.1. Nasalidade

A tabela 7 apresenta as freqüências relativas e percentuais, juntamente com a probabilidade de aplicação da regra de alteamento das pretônicas segundo seu caráter oral ou nasal. Foram consideradas assim, as chances de alteamento de [e] e [ẽ], bem como de [o] e [õ].

**TABELA 7 - Freqüências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em contexto oral ou nasal**

Nasalidade	E		O	
	Freqüência	Probabilidade	Freqüência	Probabilidade
<b>Oral</b> ( <i>afetivo, gostava</i> )	179/1512 = 11%	.418	192/917 = 20%	.548
<b>Nasal</b> ( <i>aprendi, comigo</i> )	61/202 = 30%	.924	67/319 = 21%	.452
	Input: .032	Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

De acordo com os números apresentados para **E** pode-se constatar que as médias

anteriores quando nasalizadas favorecem amplamente o alteamento.

Inversamente ao comportamento de **E**, o **O** nasalizado apresenta resistência ao alteamento, enquanto que o oral possui um índice levemente favorecedor, tendendo a neutralidade<sup>29</sup>.

Com base nesses resultados podemos afirmar que a nasalidade da pretônica, principalmente de **E**, é fator de extrema importância para o favorecimento da elevação da média.

#### 4.1.2. Tônica

As frequências e probabilidades da tabela 8 referem-se ao papel que exerce a vogal da sílaba tônica na aplicação da regra de alteamento.

**TABELA 8 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à vogal da sílaba tônica**

Tônica	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Alta Anterior</b> ( <i>alegria, chovia</i> )	156/422 = 36%	.869	96/296 = 32%	.711
<b>Alta Posterior</b> ( <i>segunda, costume</i> )	8/46 = 17%	.269	7/37 = 18%	.548
<b>Média</b> ( <i>cebola, boneca</i> )	45/656 = 6%	.398	94/489 = 19%	.337
<b>Baixa</b> ( <i>metade, escolar</i> )	31/590 = 5%	.307	62/414 = 14%	.397
	Input: .032	Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

Os índices apontam para uma vogal tônica alta anterior /i/ como ambiente mais

<sup>29</sup> A neutralidade aqui referida diz respeito à probabilidade de favorecimento do fator ao alteamento ou ao abaixamento das médias pretônicas.

favorecedor da aplicação da regra, tanto para **E** quanto para **O**. Já a vogal tônica alta posterior /u/ só demonstra força assimilatória diante de **O**.

Ao compararmos os resultados para o contexto de vogal tônica /u/, vemos que embora apresentem frequências bastante semelhantes, 17% de alteamento para **E** e 18% para **O**, a probabilidade de /u/ influenciar o alteamento de **O** é maior do que a de influenciar o alteamento de **E**. Ainda assim, o resultado de **O** indica mais uma neutralidade do fator vogal tônica /u/ do que propriamente um favorecimento à aplicação da regra.

As médias /e, ↔, o, ↘/ e a baixa /a/ tendem a inibir o processo de alçamento. Vale a pena observarmos que tônica /a/ apresenta a maior frequência de ocorrência (**E** = 590, **O** = 414), seguida pelas médias /e, ↔, o, ↘/, que juntas somam 656 ocorrências para **E**, 489 para **O**. No entanto, o percentual de aplicação da regra nesses contextos é bastante reduzido.

#### 4.1.3. Distância

A variável distância, presente na tabela 9, refere-se à posição da média pretônica em relação à sílaba da vogal tônica.

**TABELA 9 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à distância em que se encontram da sílaba tônica**

Distância	O	
	Frequência	Probabilidade
<b>1</b> (segundo)	182/710 = 25%	.731
<b>2</b> (acreditar)	71/437 = 16%	.548
<b>3</b> (pedagogia)	6/89 = 6%	.232

Input: .089      Significância: .009

O resultado final da análise step-up/step-down para **E** excluiu a variável distância, que não seria significativa na aplicação da regra de alteamento em comparação às outras variáveis concorrentes.

Os resultados de **O**, que não foram excluídos pela análise *step-up & step-down*, demonstram um aumento gradual do alteamento nas posições 3, 2, 1. A distância 1 apresenta o maior índice e figura entre os favorecedores do alteamento. Já as posições 2 e 3 tenderiam a preservar a média.

#### 4.1.4. Pretônica Seguinte

A Tabela 10 diz respeito ao tipo de vogal da sílaba átona que segue a média candidata ao alçamento.

**TABELA 10 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de vogal pretônica seguinte**

Pretônica Seguinte	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Alta Anterior</b> ( <i>perigoso, novidade</i> )	30/220 = 13%	.799	9/135 = 6%	.280
<b>Alta Posterior</b> ( <i>perguntar, Portugal</i> )	4/57 = 7%	.132	17/86 = 19%	.713
<b>Não Alta</b> ( <i>fedorento, poderia</i> )	13/235 = 5%	.302	51/304 = 16%	.508

Input: .032      Significância: .002      Input: .089      Significância: .009

De acordo com os índices, fica evidente que para o alteamento de **E** no contexto considerado é a homorgânica [i] que desempenha o papel de principal favorecedora do alteamento, e que apesar de seu traço de altura, a vogal posterior [u] não tem força para

desencadear o processo de harmonia vocálica. Da mesma forma, as não-altas [e, ↔, a, ↘, o] inibem o alteamento, preservando a média.

Os resultados de **O** são controversos. Com base nos resultados apresentados por análises obtidas de outros dialetos do português (Bisol, 1981 entre outros) para a vogal pretônica seguinte, era de se esperar que os índices probabilísticos referentes a essa variável fossem semelhantes aos da vogal tônica, ou seja, além da homorgânica [u] favorecer a assimilação do traço de altura (o que de fato acontece), a não homorgânica [i] também deveria ser favorável ao alteamento de **O**, o que o índice probabilístico não comprova. Quanto às vogais pretônicas não-altas [e, ↔, a, ↘, o] apresentam um índice de neutralidade em relação à realização da média posterior<sup>30</sup>.

#### 4.1.5. Atonicidade

Os resultados da Tabela 11 referem-se aos contextos em que as médias pertencem a sílabas que no paradigma derivacional são permanentemente átonas, ou que adquirem a atonicidade no processo de derivação (casuais).

---

<sup>30</sup> Acredita-se que esse índice seja consequência de um número relativamente alto de palavras de um mesmo paradigma como, *c[u]meçou*, *c[u]mecei*, *c[u]meçava* que apresentam uma realização alteada da média devido a outros fatores que não a vogal pretônica seguinte

**TABELA 11 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à atonicidade da sílaba em que se encontram**

Atonicidade	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Permanente</b> ( <i>feliz &gt; felicidade</i> <sup>31</sup> , <i>colega &gt; coleguismo</i> )	121/827 = 16%	.598	185/716 = 25%	.716
<b>Casual Baixa</b> [↔, ↵] ( <i>alegre &gt; alegria</i> , <i>adora &gt; adorava</i> )	39/280 = 13%	.532	7/209 = 3%	.221
<b>Casual Média</b> [e, o] ( <i>medo &gt; medrosa</i> , <i>calor &gt; caloroso</i> )	24/262 = 9%	.267	31/126 = 24%	.503
<b>Casual Variável</b> ( <i>bebe &gt; bebo &gt; bebia</i> , <i>poder &gt; pode &gt; podia</i> )	56/345 = 16%	.429	36/184 = 19%	.580
Input: .032		Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

Nota-se que para **E** somente as átonas permanentes favorecem a aplicação da regra de alteamento, e que para **O** são as permanentes e as casuais variáveis que propiciam a elevação. Ao observarmos o índice apresentado para a casual baixa nos resultados de **E**, vemos que se trata de um índice neutro.

De acordo com esses resultados podemos considerar que a atonicidade permanente é fator altamente favorável à elevação das médias pretônicas.

<sup>31</sup> Ao levantarmos exemplos como *feliz > felicidade* não se pode desprezar a ocorrência simultânea de fatores favorecedores ao alteamento. Embora não tenha sido realizada por este trabalho, seria interessante uma abordagem dos dados que considerasse a co-ocorrência de fatores favorecedores e que analisasse a probabilidade de alteamento de vocábulos que possuíssem um ou mais ambientes propícios ao alteamento ou abaixamento.

#### 4.1.6. Consoante precedente

A Tabela 12 apresenta os resultados referentes à influência do ponto de articulação da consoante precedente na elevação das vogais médias pretônicas.

**TABELA 12 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação tipo de consoante precedente**

Consoante Precedente	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Alveolar</b> [t, d, s, z, n, l, r] ( <i>cebolas, ironia</i> )	109/831 = 13%	.453	55/327 = 16%	.385
<b>Palatal</b> [tʃ, dʃ, ʃ, ɲ, ʎ, ɣ, ʝ, ʎ] ( <i>chegar, jornal</i> )	20/118 = 16%	.690	21/47 = 44%	.564
<b>Velar</b> [k, g, x] ( <i>querer, cobertor</i> )	32/208 = 15%	.471	138/547 = 25%	.671
<b>Bilabial</b> [p, b, m] ( <i>melhor, bonita</i> )	65/393 = 16%	.599	35/249 = 14%	.532
<b>Labiodental</b> [f, v] ( <i>avenida, formada</i> )	12/158 = 7%	.369	1/36 = 2%	.097
<b>Ausência</b> ( <i>maioria, Caetano</i> )	2/6 = 33%	.905	9/29 = 31%	.832
	Input: .032	Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

Os índices indicam que as consoantes palatais são as mais favoráveis ao alteamento de E, seguidas pelas bilabiais. As alveolares e velares aparecem com índices que podem ser interpretados como neutros, enquanto as labiodentais tendem a preservar a média E.

Na elevação de O, as velares são as mais atuantes e as palatais apresentam um índice de modesto favorecimento. As bilabiais são neutras e as alveolares e labiodentais

inibem o alteamento da média posterior. A ausência de consoante, por sua vez, aparece como favorecedora do alteamento de **E** e de **O**.

#### 4.1.7. Consoante seguinte

Os resultados da Tabela 13 são referentes à influência do ponto de articulação da consoante seguinte na elevação das vogais médias pretônicas.

**TABELA 23 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação tipo de consoante seguinte**

Consoante Seguinte	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Alveolar</b> [t, d, s, z, n, l, r] ( <i>apelido, social</i> )	111/900 = 12%	.399	63/523 = 12%	.186
<b>Palatal</b> [tç, dç, ç, ʃ, ʒ, ʝ, ɲ, ɣ] ( <i>região, pedagogia</i> )	45/197 = 22%	.488	32/130 = 24%	.346
<b>Velar</b> [k, g, x] ( <i>alegria, torcidas</i> )	54/392 = 13%	.688	20/206 = 9%	.235
<b>Bilabial</b> [p, b, m] ( <i>semana, sobrinho</i> )	5/102 = 4%	.350	78/209 = 37%	.488
<b>Labiodental</b> [f, v] ( <i>revista, novidade</i> )	7/76 = 9%	.487	25/120 = 20%	.596
<b>Ausência</b> ( <i>campeonato, teoria</i> )	18/47 = 38%	.947	41/47 = 87%	.950
	Input: .032	Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

As consoantes alveolares, assim como no ambiente precedente (Tabela 12), aparecem como inibidoras da regra de alteamento de **E**, bem como de **O**. É interessante notar que a frequência de ocorrência das alveolares é a maior dentre todas as consoantes,

tanto precedentes quanto seguintes, no entanto, o percentual de aplicação da regra de alteamento em contexto de consoante alveolar é bastante baixo.

As palatais, diferentemente do contexto precedente, apresentam um índice de neutralidade para **E** e de desfavorecimento para **O**.

As consoantes velares por sua vez apresentam uma probabilidade de aplicação do alteamento de **E** bastante significativa, embora a frequência percentual da elevação [e]\_[i] nesse contexto seja menor que a frequência de alteamento no contexto da palatal, por exemplo, que não demonstrou ser significativa para o processo de harmonia. Inversamente à sua relevância com relação a **E**, as velares tendem a bloquear a assimilação de traços na pauta média posterior.

As bilabiais exibem uma baixa probabilidade de influenciar o alteamento de **E** e uma neutralidade no alteamento de **O**. Mais uma vez vale destacar o percentual de aplicação. Na regra de alteamento do **O**, as bilabiais apresentam o percentual mais alto dentre as consoantes, no entanto, no índice da análise *step-up/step-down* aparecem como neutras para o alteamento.

As consoantes labiodentais são as únicas que parecem propiciar a elevação [o]\_[u] e possuem índice neutro para a elevação [e]\_[i].

A ausência de consoante seguinte, assim como a de consoante precedente, aparece como fator favorecedor da aplicação da regra de alteamento

#### 4.1.8. Estrutura da sílaba

Os resultados apresentados na Tabela 14 dizem respeito ao tipo de estrutura da sílaba em que se encontram as candidatas ao alteamento.

**TABELA 14 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à estrutura da sílaba em que se encontram**

Estrutura da Sílaba	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Aberta</b> ( <i>pedir, comer</i> )	211/1081 = 16%	.605	215/845 = 25%	.619
<b>Travada</b> ( <i>perder, dormir</i> )	29/422 = 6%	.213	44/390 = 11%	.381
	Input: .032	Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

De acordo com os índices apresentados, a estrutura sem o preenchimento da coda silábica é o ambiente mais propício à elevação das médias pretônicas tanto da pauta anterior quanto posterior. Já as sílabas travadas inibem o alteamento.

#### 4.1.9. Faixa Etária

Na tabela 15 encontram-se os resultados referentes à aplicação da regra de alteamento de acordo com a faixa etária dos informantes.

**TABELA 15 - Frequências e probabilidades de alteamento das pretônicas E e O em relação à faixa etária dos informantes**

Faixa Etária	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>1</b> (25-35)	63/579 = 10%	.421	67/404 = 16%	.381
<b>2</b> (36-55)	85/611 = 13%	.527	87/421 = 20%	.526
<b>3</b> (55 ou mais)	92/524 = 17%	.557	67/404 = 16%	.595
	Input: .032	Significância: .002	Input: .089	Significância: .009

Os resultados da tabela 9 são praticamente idênticos, tanto para **E** quanto para **O**. Observa-se uma redução gradual na probabilidade de aplicação da regra de alteamento

conforme a faixa etária vai diminuindo. Mesmo na faixa etária três, onde os índices de elevação são maiores, somente para **O** essa faixa etária é levemente favorecedora do processo, enquanto para **E** apresenta um índice de neutralidade. Também a faixa etária 2 assume posição de neutralidade em relação ao favorecimento ou retenção do processo de alteamento. A faixa etária 1 tende a inibir a harmonia vocálica.

Embora seja uma tendência interessante, dado o aumento gradual de aplicação da regra conforme aumenta a faixa etária, pode-se inferir que a variável faixa etária não exerce papel determinante na aplicação da regra de alteamento.

## 4.2. Abaixamento de E e O

### 4.2.1. Tônica

As frequências e probabilidades da Tabela 16 referem-se ao papel que exerce a vogal da sílaba tônica na aplicação da regra de abaixamento.

**TABELA 16 - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à vogal da sílaba tônica**

Tônica	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Média - Baixa</b> [↔, ↵] ( <i>deserto, gostosa</i> )	68/86 = 79%	.979	51/80 = 63%	.947
<b>Média – Alta</b> [e, o] ( <i>presente, motor</i> )	33/524 = 6%	.334	24/247 = 9%	.288
<b>Baixa</b> [a] ( <i>geral, morava</i> )	139/549 = 25%	.817	121/356 = 33%	.730
<b>Alta</b> [i, u] ( <i>torcida, segundo</i> )	10/389 = 2%	.116	16/221 = 7%	.163
	Input: .010	Significância: .001	Input: .068	Significância: .000

Assim como no alteamento de **E** e **O**, o abaixamento tem no tipo de vogal tônica um fator bastante significativo para a assimilação de traço em que [e]\_[↔] e [o]\_[↔]. Como se observa das probabilidades, as vogais médias-baixas [↔, ↔] são as que mais favorecem a ocorrência de [↔] e [↔] seguidas de perto pela vogal baixa central [a], que também apresenta índices bem elevados.

As vogais tônicas médias [e, o] e as altas [i, u] aparecem com índices muito próximos e desfavorecedores da regra de abaixamento de **E** e **O**. Percebe-se também aqui uma gradação quanto ao desfavorecimento do abaixamento onde as vogais altas são as que mais inibem a assimilação.

#### 4.2.2. Distância

A variável distância da sílaba tônica foi eliminada no modelo “ideal” da análise *step-up/step-down* que seleciona somente os fatores considerados significantes para a aplicação da regra de abaixamento tanto de **E** quanto de **O**.

Como se pôde observar, também nos dados do alteamento, a variável distância não parece ser relevante para a análise da assimilação vocálica, pelo menos da maneira como foi tratada<sup>32</sup>.

Talvez, um fator importante que não foi considerado seja o fato de o abaixamento e o alteamento não serem afetados apenas pela vogal tônica, mas também pela vogal pretônica seguinte. Outro fator ainda é o fato de ter sido considerada a distância da tônica, mas independentemente da qualidade da vogal tônica.

Devido a essas incoerências, a variável distância foi desconsiderada, tanto para o

---

<sup>32</sup> A variável distância também foi eliminada da análise de Bisol (1981), graças à falta de padrão dos índices encontrados.

alteamento quanto para o abaixamento.

#### 4.2.3. Pretônica Seguinte

Os números apresentados na Tabela 17 são referentes ao tipo de vogal da sílaba átona que segue a média candidata ao alçamento.

**TABELA 17 - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de vogal pretônica seguinte**

Pretônica Seguinte	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Média-Baixa</b> [↔, ↵] <i>(pere[↔]reca, colo[↵]car)</i>	12/17 = 70%	.950	14/18 = 77%	.989
<b>Média-Alta</b> [e, o] <i>(perceber, metodista)</i>	4/115 = 3%	.590	4/120 = 3%	.399
<b>Baixa</b> [a] <i>(negativo, corajosa)</i>	27/85 = 31%	.967	18/20 = 36%	.907
<b>Alta</b> [i, u] <i>(perigoso, novidade)</i>	2/247 = 1%	.177	8/135 = 5%	.253

Input: .010    Significância: .001                      Input: .068    Significância: .000

Assim como o fator tipo de tônica, a vogal pretônica seguinte demonstrou ser de grande importância para a caracterização do comportamento das médias pretônicas.

Podemos observar que as vogais átonas seguintes que atuam a favor do abaixamento das médias são aquelas que possuem como característica o traço [+ baixo]. Tanto para **E** quanto para **O** as vogais médias-baixas [↔, ↵] e a vogal baixa [a] apresentam índices muito aproximados e relativamente altos a favor do abaixamento das médias pretônicas. Em contrapartida, as vogais altas figuram como inibidoras desse abaixamento.

As vogais médias-altas apresentam um índice levemente favorecedor para **E** e inibidor para **O**.

#### 4.2.4. Atonicidade

Os resultados da Tabela 18 referem-se aos contextos em que as médias pertencem a sílabas que no paradigma derivacional são permanentemente átonas, ou que adquirem a atonicidade no processo de derivação (casuais).

**TABELA 18 - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à atonicidade da sílaba em que se encontram**

Atonicidade	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>Permanente</b> ( <i>apelido, colégio</i> )	146/795 = 18%	.468	70/402 = 17%	.366
<b>Casual Baixa</b> ( <i>levar, bolada</i> )	56/280 = 20%	.723	92/241 = 38%	.725
<b>Casual Média</b> ( <i>medrosa, caloroso</i> )	9/147 = 6%	.170	8/74 = 10%	.351
<b>Variável</b> ( <i>apertado, chorei</i> )	39/326 = 11%	.550	42/186 = 22%	.544

Input: .010    Significância: .001                      Input: .068    Significância: .000

Os índices da atonicidade são muito parecidos para **E** e para **O**. Ao contrário do que ocorre no alteamento, as sílabas permanentemente átonas não favorecem o abaixamento das vogais médias pretônicas, e sim, são inibidoras do processo. Já as sílabas de atonicidade casual que quando tônicas realizam-se com vogais médias-baixas (Casual Baixa) contribuem com a realização baixa das vogais pretônicas médias.

As sílabas que se encaixam na categoria “Casual Média” inibem o abaixamento tanto de **E** quanto de **O**. As sílabas de atonicidade variável apresentam índices levemente favorecedores tendendo mais à neutralidade em relação ao abaixamento das médias pretônicas.

#### 4.2.5. Consoante Precedente

Os resultados da Tabela 19 são referentes à influência do ponto de articulação da consoante seguinte no abaixamento das vogais médias pretônicas.

**TABELA 19 - Frequências e probabilidades de abaixamento da pretônica E em relação ao tipo de consoante precedente**

Consoante Precedente	E	
	Frequência	Probabilidade
<b>Alveolar</b>		
[t, d, s, z, n, l, r] ( <i>detesto</i> )	86/696 = 12%	.462
<b>Palatal</b>		
[tʃ, dʃ, ʃ, ɲ, ʎ, ɣ, ʝ, ɰ] ( <i>geral</i> )	14/117 = 11%	.369
<b>Velar</b>		
[k, g, x, ɣ] ( <i>relação</i> )	38/197 = 19%	.474
<b>Bilabial</b>		
[p, b, m] ( <i>liberado</i> )	76/374 = 20%	.513
<b>Labiodental</b>		
[f, v] ( <i>diferença</i> )	35/158 = 22%	.758
<b>Ausência</b>		
( <i>sociedade</i> )	1/6 = 18%	.286
Input: .010		Significância: .000

A variável consoante precedente não foi incluída no rol dos fatores que seriam significantes para o abaixamento de **O** nos resultados apresentados pela análise *Up&Down*.

No que diz respeito ao funcionamento do **E** pretônico, a única classe de consoantes precedentes indicada pela análise estatística como favorecedora do abaixamento é a das consoantes labiodentais. As bilabiais apresentam um índice de favorecimento baixo que

pode indicar a neutralidade dessas consoantes. As demais consoantes (alveolar, palatal e velar) são inibidoras da assimilação do traço de altura, assim como a ausência de consoante precedente.

#### 4.2.6. Consoante Seguinte

Os resultados da Tabela 20 são referentes à influência do ponto de articulação da consoante seguinte no abaixamento das vogais médias pretônicas.

**TABELA 20 - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de consoante seguinte**

Consoante Seguinte	E		O				
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade			
<b>Alveolar</b> [t, d, s, z, n, l, r] ( <i>lateral, cozinha</i> )	126/784 = 16%	.557	118/408 = 28%	.625			
<b>Palatal</b> [tʃ, dʃ, ʃ, ɲ, ʎ, ɣ, ʝ, ɰ] ( <i>melhor, molhado</i> )	22/155 = 14%	.438	8/47 = 17%	.585			
<b>Velar</b> [k, g, x, ɣ] ( <i>apertado, jogar</i> )	71/392 = 18%	.506	56/206 = 27%	.529			
<b>Bilabial</b> [p, b, m] ( <i>cerebral, cobrar</i> )	21/102 = 20%	.545	13/133 = 9%	.159			
<b>Labiiodental</b> [f, v] ( <i>levar, novela</i> )	9/68 = 13%	.296	14/64 = 21%	.754			
<b>Ausência</b> ( <i>real, doar</i> )	1/47 = 2%	.079	-	-			
Input: .010		Significância: .001		Input: .068		Significância: .000	

As consoantes alveolares favorecem o abaixamento de **E** e de **O**, sendo que para **O** apresentam um índice bem mais significativo que para **E**. As palatais inibem a aplicação da

regra de abaixamento de **E** e favorecem a de **O**. As consoantes velares apresentam índices de neutralidade para o processo de abaixamento tanto de **E** quanto de **O**.

Diferentemente dos resultados do alteamento, a ausência de consoante seguinte, desfavorece a aplicação da regra de abaixamento.

#### 4.2.7. Estrutura da Sílabas

Os resultados apresentados na Tabela 21 dizem respeito ao tipo de estrutura da sílaba em que se encontram as candidatas ao abaixamento.

**Tabela 21 - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas**

<b>E e O em relação à estrutura da sílaba em que se encontram</b>		
<b>Estrutura da</b>	<b>E</b>	
<b>Sílaba</b>	<b>Frequência</b>	<b>Probabilidade</b>
<b>Aberta</b>	204/1265 = 16%	.544
<b>Travada</b>	46/283 = 16%	.312

Input: .010    Significância: .001

A estrutura silábica também foi excluída pela análise *Up&Down* como não possuidora de significância na regra de abaixamento de **O**.

Já para **E**, a sílaba aberta aparece com um índice de neutralidade no que diz respeito ao abaixamento, enquanto a sílaba travada seria inibidora do fenômeno.

Com base nesses resultados pouco significativos, poderíamos inferir que essa variável seria de importância secundária no processo de abaixamento das vogais médias pretônicas.

#### 4.2.8. Faixa Etária

Na tabela 22 encontram-se os resultados referentes à aplicação da regra de

abaixamento de acordo com a faixa etária dos informantes.

**TABELA 22 - Frequências e probabilidades de abaixamento das pretônicas E e O em relação à faixa etária dos informantes**

Faixa Etária	E		O	
	Frequência	Probabilidade	Frequência	Probabilidade
<b>1</b> (25-35)	80/599 = 13%	.413	63/290 = 21%	.510
<b>2</b> (36-55)	148/636 = 23%	<b>.672</b>	99/304 = 32%	<b>.639</b>
<b>3</b> (55 ou mais)	115/657 = 17%	.379	50/310 = 16%	.355
Input: .010		Significância: .001	Input: .068	Significância: .000

Curiosamente, os dados de abaixamento para a faixa etária são muito parecidos com os apresentados por Silva (1989). A faixa etária que mais utiliza a regra é a intermediária, seguida pelos mais jovens e depois pelos mais velhos.



## 5. DISCUSSÃO

Neste capítulo serão discutidos os fatores considerados relevantes na aplicação das regras de alteamento e de abaixamento das vogais pretônicas médias na variedade de Nova Venécia, e as peculiaridades e semelhanças do fenômeno em relação aos demais dialetos brasileiros.

### 5.1. Contexto Vocálico

#### 1.1.1. Alteamento

Os resultados apresentados sobre o tipo de segmento vocálico capaz de favorecer o alteamento das vogais pretônicas vieram confirmar o que todos os trabalhos aqui citados (Bisol, 1981, Viegas, 1987, Silva, 1989, Bortoni *et al.*, 1991, Yacovenco, 1993), com exceção do de Mota (1979), já concluíram. A vogal tônica alta favorece a realização das variantes altas [i, u], porém não é propriamente a tonicidade da vogal que determina qual variante será empregada, mas sim o tipo de vogal e sua contigüidade à variável dependente. A tonicidade por si só não pode desencadear o alteamento. Inúmeros vocábulos podem ser listados onde o alteamento não ocorre, apesar da vogal tônica alta: *negativo, secretaria, respondi, delegacia, reduzido, coletivo, moraria, poderia, concretizo, formatura*.

A partir dessas evidências, e com base nos resultados de outros estudos, pode-se afirmar que é a vogal adjacente, tônica ou não, que favorece ou inibe o alteamento das vogais médias pretônicas.

Os índices apresentados na tabelas 8 e 10 indicam: 1. que a vogal tônica alta posterior [u] seria neutra em relação ao alteamento da vogal média posterior [o]; 2. que a pretônica contígua [i] não favoreceria o alteamento de [o]. No entanto, se olharmos para a

tabela 8, o número de ocorrências de vogal tônica alta [u] é bastante reduzido, o que poderia estar causando uma falsa impressão em relação à vogal alta posterior. Com base nos vocábulos encontrados não há razão para acreditar que a vogal alta posterior não favoreça o alteamento de **O**, pois existe um grande número de repetições de palavras como *continua*, *constitui*, em que a vogal tônica [u] não está contígua à pretônica, porém, nos poucos casos há contigüidade, o alteamento é registrado (*ac[u]stuma*, *c[u]stumes*).

Com relação ao que se observa na tabela 10, a vogal pretônica contígua [i] não aparece como favorecedora do alteamento de **O**. A princípio se poderia pensar que para desencadear a assimilação, a vogal necessitaria ser homorgânica, e assim, somente [u] favoreceria o alteamento de **O**. No entanto, com base nos estudos já elaborados sobre alteamento de vogais pretônicas, essa não parece ser uma boa explicação, pois em todos esses estudos a vogal anterior alta [i] possui a capacidade de altear tanto **E** quanto **O**. Ao observarmos os dados, identificamos um número elevado de vocábulos de um mesmo paradigma que, apesar da vogal contígua [i], não alteiam, como *consegui* (5), *consequia* (7), *consequiu* (7), *continua*, (13), *continuei* (5), *profissão* (8), *social* (7) e outros, que podem estar contribuindo para o resultado da análise.

Com base nesses resultados aparentemente contraditórios, seria prudente não tecer maiores considerações sobre a homorganicidade da vogal como favorecedora do processo de alteamento. O que se pode afirmar sem hesitar é que uma vogal alta contígua, seja ela tônica ou átona, pode desencadear a aplicação da regra de alteamento.

Segundo a proposta de Bisol (1981), o alteamento é um processo de **harmonia vocálica**, em que a vogal pretônica média tende a assimilar o traço de altura da vogal seguinte, e nesse processo pode haver um espriamento do traço para todas as vogais

pretônicas do vocábulo (*ad[u]rm[i]cida*, *fav[u]r[i]cido*), porém sem fazer saltos (*p[u]deria\**, *c[u]nhecida\**), o que de fato se comprova na variedade de Nova Venécia. Ao tentar definir que tipo de processo fonológico pode ser chamado de harmonia vocálica, Anderson (1980) destaca que muitos processos de assimilação que ocorrem nas línguas são por vezes denominados erroneamente "harmonia", sem que possuam características suficientes para serem assim designados. Dentre as características da harmonia destacadas por Anderson estão o caráter obrigatório (categórico) do processo (Anderson, 1980, p. 12) e a necessidade de se aplicar a todas as vogais do vocábulo.

O fenômeno que ocorre com as pretônicas do português é, no entanto, variável e nem sempre se aplica a todas as vogais do vocábulo. Como esse tipo de discussão não é o objetivo desse trabalho, optou-se por utilizar a definição de assimilação regressiva para definir o processo aqui descrito.

Tendo então definido que o traço que realmente importa para desencadear o processo de assimilação é o traço de altura das vogais que seguem a pretônica candidata ao alçamento, e que esse processo é um fenômeno variável no dialeto em questão (e no português em geral), podemos identificar algumas peculiaridades que envolvem o alteamento das vogais e que parecem atingir todos os dialetos.

Em primeiro lugar, os vocábulos atingidos pela assimilação não parecem aceitar a variação, pois foram poucos os vocábulos que apresentaram duas possibilidades de realização (*sentido* ~ *s[i]ntido*, por exemplo). A maioria das ocorrências é categórica como *m[i]nina*, registrada 13 vezes e todas com a variante alta, *s[i]nti* (10x), *cons[i]gui* (11x), *pr[i]cisa* (8x), *c[o]ntinua* (13x), *d[e]veria* (8x). Em segundo lugar, alguns vocábulos altearam sem que houvesse um ambiente vocálico favorecedor *p[i]queno*, *s[i]mestre*, *fut[i]bol*, *d[i]s[i]spero*, *s[i]nhor*, *c[u]meçar*, *alm[u]çar*, *c[u]meu*, *b[u]neca*, *c[u]légio*.

Sobre esses casos, Bisol (1981) explica que são as consoantes adjacentes as responsáveis pela elevação. Sem discordar de Bisol, Viegas (1987) argumenta a favor da teoria da difusão lexical, também defendida por Oliveira (1991), que pressupõe que as mudanças são implementadas a partir do léxico e, segundo a teoria, são “foneticamente abruptas e lexicalmente graduais”. A autora invoca, então, a máxima de que “cada vocábulo tem sua própria história”. Embora essa seja realmente uma questão que merece ser investigada, como o faz Viegas (2001), este não é o objetivo desse trabalho, mas os resultados apresentados aqui podem servir para complementar uma futura investigação mais ampla e para estimular outras discussões sobre a natureza gradual ou abrupta de certas mudanças e de um maior ou menor condicionamento lexical.

De acordo com os argumentos apresentados, pode-se dizer que o processo de alteamento das vogais médias pretônicas é variável e se dá por meio de uma assimilação regressiva desencadeada por uma vogal alta imediatamente seguinte à pretônica. No entanto, nem todos os casos de alteamento registrados encaixam-se nessa descrição e as vogais pretônicas também sofrem assimilações desencadeadas pelas consoantes a elas adjacentes. Por vezes, os fatores que favorecem o alteamento de **E** não favorecem o de **O**, e vice-versa. É possível que realmente haja algum tipo de condicionamento lexical, mas isso não foi averiguado neste trabalho.

### 1.1.2. Abaixamento

Com relação à questão do abaixamento, a primeira pergunta a ser feita é se este fenômeno é distinto do alteamento, ou se ambos são resultado de um mesmo processo.

De acordo com os dados, o abaixamento parece ser também um fenômeno de assimilação regressiva desencadeada pelas vogais seguintes à pretônica. Se os resultados do

alteamento apresentaram alguns índices controversos, os resultados do abaixamento são muito claros. As vogais médias-baixas [↔, ↓] e a vogal baixa [a], tônicas ou átonas, são de longe as que mais favorecem o abaixamento. O percentual e a probabilidade de abaixamento diante dessas vogais é bastante elevado, e fora desse contexto é quase inexistente. Foram registrados itens como: *aniv[↔]rsário*, *d[↔]talhes*, *dir[↔]tório*, *lat[↔]ral*, *m[↔]lhor*, *p[↔]r[↔]reca*, *ch[↓]rar*, *c[↓]legas*, *c[↓]rajosa*, *ff[↓]t[↓]grafia*, *m[↓]derno*, *n[↓]vela*.

Como foi mencionado no item 2.6, Yacovenco (1993) identificou no dialeto carioca um pequeno número de ocorrências de abaixamento. Apesar desse número reduzido, Callou *et al.* (1991, p. 75) já haviam sinalizado para a existência de uma distribuição complementar dos ambientes favorecedores das regras de elevação e abaixamento. Segundo a autora, poderia estar ocorrendo uma “*simplificação da regra de harmonização vocálica, simplificação essa que seria expressa pela substituição do traço [+alto] na descrição da mudança ocorrida e no ambiente de aplicação pelo símbolo de coincidência de traços [α]*”.

Tal argumentação parece descrever com propriedade o fenômeno identificado no português falado em Nova Venécia. O abaixamento parece ser bem mais regular que o alteamento. Embora também variável, o abaixamento na variedade veneciana praticamente inexistente fora do contexto das vogais baixas [↔, a, ↓]. Boa parte dos casos pode ser explicada por analogia ou pela atonicidade da vogal pretônica (variável a ser discutida mais adiante), como por exemplo: *m[↓]derno* > *m[↓]d[↔]rníssimo*, *crece* > *cr[↔]scendo*, *mete* > *m[↔]tendo*, *quer* > *qu[↔]rendo*, *sete* > *s[↔]tenta*, *corre* > *c[↓]rrendo*, *nove* > *n[↓]venta*, *colega* > *c[↓]l[↔]guismo*, *recebe* > *r[↔]c[↔]bemos*.

O abaixamento identificado na fala dos venecianos não parece ser o mesmo

identificado por Silva (1989) para o dialeto baiano, ou pelo menos possui aspectos diferentes. Além da frequência de abaixamento ser muito maior na fala dos baianos, os ambientes que o favorecem são mais numerosos na variedade por ela estudada. Na descrição feita por Silva, não se pode analisar o abaixamento simplesmente como um processo de assimilação de traço, pois ele ocorre também em contexto de vogal alta, o que não se registra na variedade capixaba. Silva estabelece uma regra categórica, que chamou “regra categórica de timbre”, segundo a qual toda vogal média em posição pretônica torna-se baixa, a menos que esteja em contexto de vogal média.

Na variedade de Nova Venécia, o abaixamento está longe de ser categórico e só ocorre em ambiente de vogal baixa, com raríssimas exceções. Além disso, talvez por só ocorrer em ambiente favorecedor, o abaixamento não é tão percebido, como ocorre com os falares mais ao norte. Nessas variedades, isso talvez se deva ao uso das variantes baixas em contexto de vogal alta, o que pode dar mais “saliência perceptual” ao abaixamento. Há que mencionar as características prosódicas do dialeto baiano: *“A atuação do processo de abaixamento nas sílabas pretônicas do português da Bahia acarreta uma modificação do padrão melódico neutro da palavra(...). A vogal aberta, por exigir um tempo mais longo para sua enunciação, aumenta o grau de força da emissão, tornando a sílaba mais percebida e o ritmo mais silábico”* (Passos & Passos, 1984 *apud* Callou *et al.*, 1991).

Em síntese, o abaixamento encontrado no dialeto capixaba é favorecido pelas vogais baixas [↔, a, ↵], num processo variável de assimilação regressiva, e parece ser o mesmo que alteia as vogais médias em contexto de vogal alta, embora alguns casos de alteamento não pareçam ser resultado da assimilação do traço da vogal adjacente. O abaixamento identificado em Nova Venécia não se parece totalmente com o registrado na Bahia e em outros estados do Norte e Nordeste, e que já foi utilizado como evidência para

traçar fronteiras dialetais.

## 5.2. Nasalidade

Como demonstram os resultados apresentados, a nasalidade vocálica parece exercer algum tipo de influência a favor do alteamento da média pretônica **E**, enquanto a média **O** não parece ser afetada da mesma maneira pela nasalidade. Os resultados expostos por Bisol (1980) para o dialeto gaúcho coincidem com os encontrados para a variedade do dialeto capixaba descrito neste trabalho apenas no que diz respeito ao alteamento da vogal média anterior **E**, que também é favorecida pela nasalidade. Já os resultados referentes ao **O** indicam que, ao contrário de **E**, as orais é que favorecem o alteamento da média posterior no dialeto gaúcho, já na variedade veneciana, embora demonstre uma tendência a elevar-se quando oral, **O** apresenta um índice de neutralidade ao fator oralidade.

Ao buscar explicação para a falta de paralelismo entre **E** e **O**, Bisol utiliza-se de argumentos fonéticos. Segundo a autora, o efeito dos anti-formantes nasais, que podem enfraquecer ou reforçar certas freqüências, aproximam a vogal [e] nasalizada da área acústica de [i] ao reforçar as freqüências do segundo formante, cujo correlato articulatório é a anterioridade da língua (Kent & Read, 1992, p. 92). O valor médio de  $F_2$  de [e] para o português é de 1.902 Hz enquanto  $F_2$  de [i] está em torno de 2.073 Hz (Moraes, *et al.*, 1996). Dessa forma, ao ser reforçado o  $F_2$  de [e] ele se aproximaria do  $F_2$  de [i]. Já no caso da nasalização de [o], ao ter o segundo formante (valor médio de  $F_2$  1.010 Hz) reforçado, essa vogal se afastaria ainda mais da área de [u] (valor médio de  $F_2$  1.002 Hz), o que explicaria o fato de o alteamento de **O** não ser favorecido pela nasalidade, enquanto **E** demonstra sensibilidade ao fator.

Os resultados de Viegas (1987, p. 104) levantam uma questão bastante interessante, onde uma vogal nasal no *onset* da sílaba subsequente à pretônica (*comida, conhece*) favorece amplamente o alteamento de **O**, no entanto, no que diz respeito à estrutura da sílaba em que se encontra a pretônica, uma sílaba travada por elemento nasal (*contido, combina*) desfavorece o alteamento da média posterior **O**. A diferença entre consoante nasal em *onset* e elemento nasal em coda silábica está no tipo de nasalidade vocálica decorrente de cada segmento nasal. No primeiro, a nasalidade não é categórica e pode ocorrer por meio de alofonia vocálica decorrente de uma nasalidade contextual (Laver, 1994, p. 293), ou seja, por antecipação na abertura do véu palatino para a produção da nasal. Essa nasalização da vogal (que doravante será denominada vogal nasalizada) pode variar entre dialetos, como demonstraram Abaurre e Pagotto (1996) para dialetos do português brasileiro, ou ainda entre indivíduos. O segundo tipo de nasalidade vocálica é categórico e ocorre em contraste fonológico com as vogais orais (*lenda : leda, rende : rede, cinto : cito, canta : cata*). Esse tipo de nasalidade está presente em algumas línguas como o Francês, o Hindi, o Yoruba e o Português (Clark & Yallop, 1995).

No português do Brasil a questão da interpretação das vogais nasais já foi bastante discutida, mas ainda suscita questionamentos. Uma das propostas de análise das vogais nasais é a defendida por Câmara Jr. (1994/1970) em que as vogais nasais não possuem status fonológico e são a realização fonética da seqüência constituída por vogal oral e arquivonema nasal que trava a sílaba.

Embora na análise realizada para o presente trabalho não tenham sido considerados separadamente esses dois tipos de nasalidade, isto é, as vogais pretônicas foram classificadas apenas como nasais ou orais. No entanto, tendo em vista os resultados

encontrados por Viegas, foi realizada, para a variedade de Nova Venécia, posteriormente à análise estatística, uma divisão entre vogais pretônicas nasais e nasalizadas. Embora esses dados não tenham sido submetidos à análise do Goldvarb, isso não os invalida, uma vez que os percentuais encontrados não são desprezíveis. Apresentam-se esses dados na tabela 23:

**TABELA 23 - - Frequências de alteamento das pretônicas E e O em relação ao tipo de nasalidade**

	Alteamento de E		Alteamento de O	
	[e]	[i]	[o]	[u]
<b>Vogais Nasais</b> <i>(sentido, continua)</i>	114/136 = 83%	22/136 = 16%	197/216 = 91%	19/216 = 9%
<b>Vogais Nasalizadas</b> <i>(nenhum, domingo)</i>	25/64 = 40%	39/64 = 60%	55/103 = 53%	48/103 = 46%

Como se observa na tabela 23, o resultado apresentado, tanto para **E** quanto para **O**, sinalizam um favorecimento das vogais **nasalizadas** (estrutura CV) à realização das variantes altas /i/ e /u/, enquanto as vogais **nasais** (estrutura CVC) parecem favorecer a manutenção das médias. Embora no caso de **O**, o percentual da variante não alteada [o] seja maior em ambos os casos, percebe-se um aumento considerável do percentual de aplicação da regra. Quando em ambiente de vogal nasal, o alteamento ocorre em 9% dos casos, e quando em ambiente de vogal nasalizada, esse percentual sobe para 46% de ocorrência da variante /u/.

Esses resultados parecem indicar que além da nasalidade propriamente dita (que favorece o alteamento de **E** e inibe o alteamento de **O**), a estrutura da sílaba em que se

encontra a pretônica interfere na aplicação da regra de alteamento das vogais médias.

Segundo a interpretação de Câmara Jr. (1994, p. 47 e 59) para as vogais nasais do português, a sílaba com vogal nasal comporta-se como sílaba travada por consoante, para o autor, “*a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal*”. Ao compararmos os resultados da tabela 23, em que as vogais nasais (sílaba travada) inibem o alteamento com os da tabela 14, em que a sílaba travada também inibe o alteamento, observamos que os resultados relativos ao tipo de nasalidade vocálica e à estrutura silábica são coincidentes. Tais resultados, além de indicar a relevância do fator estrutura silábica, podem servir como evidência indireta da nasalidade das vogais do português.

Com base nos resultados encontrados neste e nos outros trabalhos aqui citados, pode-se afirmar que a nasalidade é realmente um fator relevante na aplicação da regra de alteamento, mas que também o tipo de nasalidade da vogal (se nasal ou nasalizada) decorrente da estrutura silábica em que se encontra a vogal candidata ao alçamento deve ser levado em conta. Mais uma vez, deve-se ressaltar que a ocorrência de simultânea de fatores não pode ser ignorada.

### **5.3. Consoantes Precedentes**

#### **5.3.1. Alteamento**

Assim como os demais estudos sobre vogais pretônicas nos dialetos brasileiros, esta investigação vem ratificar a importância exercida pelas consoantes adjacentes na variação das vogais médias pretônicas do português.

Como se observou no quadro comparativo do item 2.7, as consoantes que favorecem o alteamento das vogais pretônicas, com algumas variações, são basicamente as

mesmas para todos os dialetos já estudados. No caso da variedade de Nova Venécia não foi diferente.

A consoante velar, por exemplo, que aparece favorecendo o alteamento em quase todos os dialetos, favorece **O** em posição precedente e **E** em posição seguinte. Por possuir uma articulação em que a língua encontra-se numa posição elevada, o favorecimento da velar já era previsível, como também observaram Bisol (1981), Silva (1989) e Yacovenco (1993). Vários foram os itens em que a realização alta ocorreu sem que houvesse ambiente para a assimilação vocálica: *c[u]meçar, c[u]bertor, g[u]vernado, c[u]mércio, c[u]légio, pedag[u]gia, d[i]sc[u]berto*. Já no alteamento de **E**, estando a velar em posição seguinte à pretônica, o número de alteamentos sem ambiente vocálico favorável foi menor, sendo que a maioria dos vocábulos ocorreu em ambiente vocálico favorecedor: *all[i]gria, p[i]quena, s[i]gurança, pr[i]guiça, s[i]guinte, s[i]rviço*.

Talvez se possa afirmar, com base nesses resultados e nos resultados apresentados por outros trabalhos, que a consoante velar é a que mais atua em favor de uma realização alta das médias pretônicas, tanto em posição precedente quanto seguinte.

A consoante palatal, por sua vez, apesar de sua articulação também elevada, parece não exercer o mesmo efeito para os dialetos estudados. Na fala de Nova Venécia, a palatal em posição precedente mostrou-se favorável ao alteamento de **E** e **O**, conforme índices apresentados no capítulo anterior. No entanto, os dados obtidos não permitem afirmar com certeza se ela realmente favorece o alteamento no dialeto estudado. No caso de **E**, por exemplo, a variedade de itens foi pequena, com muitas repetições, e na maioria dos casos o ambiente vocálico era o ideal para o alteamento. Eis alguns exemplos: *c[u]nh[i]ci, fut[i]bol, d[i]via*. No caso de **O** o fato se repete: *cach[u]era, ch[u]ver, ch[u]via, j[u]elho*.

As consoantes labiais foram divididas em dois grupos: bilabiais e labiodentais. Tais

consoantes parecem realmente influenciar de maneira diferente o alteamento. As bilabiais em posição precedente favorecem levemente o alteamento de **E** (*p[i]ndurada, p[i]quena*) enquanto para **O**, embora tenham apresentado um índice maior que 0.500 não podem ser consideradas favorecedoras do alteamento (*b[u]neca, p[u]lenta, alm[u]çar*). Segundo as considerações de Bisol (1981), as labiais deveriam favorecer o alteamento de **O** devido ao seu traço de labialidade que trabalharia a favor da realização /u/, que numa escala crescente seria mais arredondada que /o/. No entanto, o fato das bilabiais favorecerem o alteamento de **E** não pode ser explicado dessa forma, pois as vogais anteriores não possuem o traço de arredondamento dos lábios. Além disso, esse favorecimento também foi identificado em outros dialetos, como o mineiro (Viegas, 1987), em que as labiais precedentes favorecem **E**, e na fala dos brasilienses (Bortoni, *et al.*, 1991) onde as labiais seguintes também atuam a favor da realização de /i/.

Já as labiodentais favorecem ao alteamento de **O** quando em posição subsequente à pretônica, como nos itens: *apr[u]veita, ch[u]vendo, g[u]vernador*.

### 5.3.2. Abaixamento

Conforme a observação feita anteriormente, as velares pareciam ser o ambiente ideal para o alteamento das médias, enquanto as consoantes alveolares sequer foram mencionadas devido aos baixos índices de probabilidade que apresentaram. Em compensação, as alveolares em posição seguinte aparecem como favorecedoras do abaixamento de **E** e de **O**, enquanto as velares não aparecem em nenhum momento como fator relevante para a realização baixa [ $\leftrightarrow$ ,  $\downarrow$ ] das médias. De acordo com Bisol (1981) as consoantes alveolares, por serem produzidas com a língua em posição mais ou menos plana, tenderiam a não favorecer o alteamento, enquanto as velares apresentariam

condições propícias ao alteamento devido à posição alta da língua durante sua produção. Baseando-se em experimentos de Potter (1966, p. 436), a autora afirma que espectrogramas de [↔] ao lado de uma alveolar não captam indícios de transição muito claros, ao contrário do que ocorre com os espectrogramas de [i] junto a alveolares. Segundo análises do referido autor, isso se deveria ao fato de que a vogal baixa e a consoante alveolar são articuladas com a língua em altura aproximada. Isso nos leva a acreditar que o contexto de consoante alveolar é ideal para aplicação da regra de abaixamento das vogais médias pretônicas, enquanto as velares tenderiam a inibir esse abaixamento.

Embora as alveolares tenham demonstrado favorecer o abaixamento, ressalta-se que, como já foi considerado, o processo de assimilação que resulta no abaixamento, parece ser bem mais favorecido pelo contexto vocálico, pois o número de casos em que as alveolares atuam sozinhas, sem o contexto vocálico favorecedor, não é muito elevado (*diff[↔]rente, pr[↔]sença, qu[↔]rendo, r[↔]dondeza, s[↔]tenta, in[↔]cência, p[↔]tencial*).

Ao compararmos os resultados das consoantes adjacentes nos processos de alteamento e abaixamento, e se aceitarmos que as velares são ideais para o alteamento e as alveolares para o abaixamento, as demais consoantes não seriam tão relevantes, pois aparecem ora como favorecedoras do alteamento, ora do abaixamento. Assim sendo, os argumentos baseados na da altura da língua ou no posicionamento dos lábios não poderiam ser utilizados, pois as consoantes palatais que favorecem o alteamento de **E** e **O** em posição precedente figuram como favorecedoras do abaixamento de **O** em posição seguinte. As bilabiais precedentes aparecem como favorecedoras tanto do abaixamento quanto do alteamento de **E**, e as labiodentais subseqüentes que favorecem a regra de alteamento

também favorecem o abaixamento de **O**, além de favorecerem a regra de abaixamento de **E** quando antecedem a média pretônica.

#### **5.4. Atonicidade**

A variável atonicidade foi considerada pela maioria dos trabalhos sobre pretônicas como um dos principais fatores envolvidos na variação das vogais médias, como pôde ser observado no quadro comparativo dos fatores no item 2.7. Tal variável consiste numa classificação das vogais pretônicas de acordo com o grau de atonicidade que apresentam num determinado vocábulo.

Segundo Câmara Jr. (1994), o acento é "uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas". A classificação referente à atonicidade baseia-se no fato de uma vogal ser considerada tônica, ou seja, possuir maior intensidade de emissão em um vocábulo e, num processo derivativo ou flexional, perder essa tonicidade por deslocamento do acento. Essa é a atonicidade denominada casual (*perde* > *perdido*, *tênis* > *tenista*) em oposição à permanente, em que a vogal do paradigma é permanentemente átona (*feliz* > *felicidade*, *menino* > *meninada*).

De acordo com a interpretação de Bisol (1981, p. 101), um acento subjacente forte, que se superficializa como fraco, pode interceptar as regras de redução do vocalismo átono do português. Segundo a autora, "o falante guarda memória das regras subjacentes", o que diminuiria as chances de uma vogal pretônica classificada como átona casual poder apresentar uma realização alta. Sendo assim, baseando-se no que apresentam os resultados de suas análises, a vogal átona permanente, que não apresenta variação de tonicidade no paradigma derivacional, é considerada o ambiente ideal para a aplicação da regra de alteamento das vogais médias pretônicas.

Os índices encontrados para a atonicidade na fala dos venezianos parecem confirmar essa hipótese, uma vez que a probabilidade de alteamento de uma vogal átona permanente<sup>33</sup>, seja ela **E** ou **O**, é significativamente maior do que a de uma vogal átona casual<sup>34</sup>. Em relação à variação de **O**, as vogais casuais variáveis<sup>35</sup>, aquelas encontradas principalmente nos paradigmas verbais em que a vogal tônica pode variar entre [e, i, ↔], como em *pôde > pode > pude*, também foram consideradas favoráveis ao alteamento.

Da mesma forma que o alteamento, a regra de abaixamento parece ser condicionada pela atonicidade da vogal candidata ao abaixamento, no entanto, não são as átonas permanentes o ambiente mais favorável, e sim, as vogais átonas casuais baixas derivadas de uma vogal tônica subjacente baixa [↔, ↘] (*esp[↔]rança, n[↔]gativo, paqu[↔]rar, r[↔]zavam, b[↘]rdado, esc[↘]lar, m[↘]rar*).

Considerando a hipótese de Bisol (1981) de que o falante, inconscientemente, leva em conta a tonicidade subjacente, parece previsível que a vogal casual baixa seja a que mais favorece o abaixamento de **E** e **O**. Bortoni *et al.* (1991) destacam uma consideração de Herculano de Carvalho (1969), quando o autor, ao tratar do que poderia inibir o alteamento, fala de um "fenômeno, de natureza analógica, em que as vogais pretônicas [e] e [o], associadas a [↔] e [↘] tônicos, respectivamente, em palavras cognatas, tendem a conservar-se foneticamente mais próximas dessas vogais tônicas". Essa mesma analogia, utilizada por Herculano para justificar o não alteamento em determinados vocábulos, também poderia justificar o favorecimento por parte das átonas casuais baixas ao

---

<sup>33</sup> Exemplos registrados de átonas permanentes: *p[i]rigoso, s[i]gurança, pr[i]guiça, fut[i]bol, arr[i]pio, p[i]quena, off[i]r[i]cia, b[u]neca, b[u]nita, c[u]meçou, c[u]nhecer, c[u]légio, c[u]madre, s[u]brinho*.

<sup>34</sup> Exemplos registrados de átonas casuais: *c[u]mer, pess[u]al, esc[u]ndido, c[u]bertor*.

<sup>35</sup> Exemplos registrados de átonas variáveis: *d[u]rmindo, desc[u]brindo, alm[u]çar, t[u]rcida*.

abaixamento das pretônicas.

### 5.5. Estrutura da Sílabas

A estrutura da sílaba em que se encontra a vogal pretônica é um fator pouco explorado pelos pesquisadores que se dedicaram ao estudo das vogais médias pretônicas nos dialetos brasileiros. Das análises aqui mencionadas, apenas a de Viegas (1987) leva em consideração essa variável. A hipótese inicial era de que a presença de mais um elemento consonantal (além da consoante do *onset* da sílaba subsequente, numa estrutura CVCV) entre a vogal pretônica e a vogal cujo traço seria assimilado poderia, se não bloquear, oferecer resistência à assimilação do traço de altura.

Nos resultados de Viegas (1987), a estrutura CV favorece o alteamento de **O**, mas a estrutura mais propícia ao alteamento, tanto de **E** quanto de **O**, é a sílaba CVC (travada por fricativa). Viegas trata separadamente as sílabas travadas por nasal (CVN) (*vendido*, *confiança*) e as sílabas travadas por fricativa (CVC) (*vestido*, *apostila*, *serviço*, *dormia*). Vale destacar que na análise de Viegas não foram excluídas as vogais pretônicas em início de vocábulo ([i]scola, [i]scada). Conforme foi considerado no início desse trabalho, a vogal anterior /e/ em início de vocábulo apresenta uma realização quase categórica da vogal alta [i], quando seguida de /S/, o que poderia causar um favorecimento irreal da estrutura CVC com relação ao alteamento. Coincidentemente, no alteamento de **O** (que em início de vocábulo não apresenta o mesmo comportamento de **E**) as estruturas favorecedoras são CV e CVC (travada por fricativa), enquanto no alteamento de **E** apenas a estrutura CVC (travada por fricativa) figura como favorecedora.

Na análise da estrutura silábica realizada nesse trabalho, foram feitas apenas duas classificações: CV (sílabas abertas) e CVC (sílabas travadas). A estrutura CV parece favorecer

o alteamento de **E** e **O**, enquanto o abaixamento, embora apresente um índice probabilístico maior para CV, parece não ser afetado pela estrutura da sílaba. Na variedade de Nova Venécia, em vocábulos como *esportivo*, *certificado*, *comercial*, *nordestino*, *terminar* e *vestibular*, as vogais não ocorreram alteadas, apesar do ambiente vocálico favorecedor. É difícil imaginar que seja possível encontrar, na variedade em questão, formas como *esp[u]rtivo*, *c[i]rtificado*, *com[i]rcial* ou *c[u]m[i]rcial*, *nord[i]stino*, *t[i]rminar* e *v[i]stibular*. Além disso, alguns vocábulos que poderiam ter sido realizados com as vogais altas não o foram: *português* ~ *p[u]rtuguês\**, *divertia* ~ *div[i]rtia\**, *percebido* ~ *p[i]rc[i]bido\**. Outro exemplo a favor das vogais CV como favorecedoras do alteamento são os vocábulos *perdido* e *pedido*. Foram registradas 4 ocorrências de *perdido*, cujo ambiente vocálico é altamente favorecedor do alteamento, e todos os registros foram realizados com a vogal média [e]. Por outro lado, foram registradas 3 ocorrências de *pedido*, todas alteadas (sem contar formas como *p[i]di*, *p[i]dia*, *p[i]dir*, *p[i]dindo*, todas com [i]).

Ainda como evidência da importância da estrutura silábica para o alteamento das médias, pode-se voltar à questão da nasalidade, em que as vogais nasalizadas (estrutura CV) parecem favorecer o alteamento mais do que as vogais nasais (estrutura CVC).

Parece então, que a estrutura da sílaba, embora não seja determinante do processo de alteamento das vogais médias pretônicas, pode ampliar ou diminuir as probabilidades de aplicação dessa regra variável.

## 5.6. Faixa Etária

A faixa etária foi a única variável extralingüística levada em conta na estratificação dos informantes. Como se pôde observar na Tabela 15 dos resultados, foi detectado um

pequeno favorecimento ( $E = .557 / O = .595$ ) da faixa etária 3 (informantes mais velhos) com relação à aplicação do alteamento. A partir daí, poder-se-ia levantar a hipótese de que, sendo os mais jovens os que menos alteiam, e os mais velhos os que mais aplicam a regra de alteamento, esse fenômeno estaria em vias de regressão como analisou Bisol (1981).

No entanto, com um número reduzido de dados, e com os índices de probabilidade tão baixos, não seria prudente afirmar que o alteamento das médias seja, no dialeto, um fenômeno em estágio de regressão. Seria necessário, um número bem mais significativo de informantes para detectar a ocorrência de tais mudanças no dialeto, além de uma análise da mudança em tempo real.

Da mesma maneira, os resultados para o abaixamento, que indicam um favorecimento da faixa etária intermediária (36 a 55 anos), devem ser explorados com um número maior de informantes, para que as possíveis conclusões não passem de mera especulação.

### **5.7. Considerações Gerais**

O vocalismo átono do português, em especial o da pauta pretônica, é, com frequência utilizado para distinguir dialetos e para diferenciar o português europeu do português brasileiro. Inúmeros são os pesquisadores que se dedicaram a descrever e analisar essa questão. Algumas considerações sobre as semelhanças e diferenças entre o português brasileiro e o europeu se fazem relevantes nesse momento.

O sistema de 5 vogais pretônicas do português brasileiro, assim como descrito por Câmara Jr. (1994/1970), /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, não é o mesmo para o português falado em Portugal /i/, /ë/, /↔/, /□/, /a/, /↵/, /o/, /u/. Segundo considerações de Teysier (2001), alguns

aspectos encontrados hoje no PB<sup>36</sup> já não são mais encontrados no PE, o que por vezes faz com que muitos considerem o PB como conservador em relação ao PE.

Os estudos sobre a variação das vogais médias pretônicas revelam que embora o alteamento dessas vogais seja bastante comum, em praticamente todos os dialetos (talvez com exceção dos falares do Nordeste e Norte) as variantes mais empregadas são as médias [e] e [o]. Já no PE, /e/ e /o/ sofreram um processo de redução e passaram a uma vogal central [ɛ]<sup>37</sup> e a uma alta [u], respectivamente. Segundo Teyssier (2001), por volta de 1500 o português ainda conservava /e/ e /o/ em seu sistema pretônico (como é hoje no PB), mas já em 1800 essas vogais nesse contexto haviam evoluído para [ɛ] e [u]<sup>38</sup> em Portugal. Enquanto no Brasil fala-se '*p[e]gar*' e '*m[o]rar*', em Portugal as pronúncias são *p[ɛ]gar* e *m[u]rar*, respectivamente. Enquanto em PE observou-se evolução do quadro pretônico em relação às vogais médias, o PB manteve o mesmo quadro vocálico pretônico desde a época do descobrimento. Esse é um dos motivos pelo qual o português daqui costuma ser visto como conservador em relação ao de Portugal. Esse conservadorismo, que não deve ser encarado como pejorativo, e sim como reflexo de um caminho diferente percorrido pela língua portuguesa (seus falantes) no Novo Mundo.

Baseando-se nas considerações anteriores, vale destacar que o alteamento encontrado nos dialetos brasileiros não deve ser entendido como um processo semelhante ao que ocorreu em Portugal com /e/ e /o/, pois fora as poucas exceções, o alteamento no PB é um processo assimilatório e não existem ainda, pelo menos nos trabalhos feitos até aqui,

---

<sup>36</sup> Daqui por diante, serão adotadas as abreviações PB (português brasileiro) e PE (português europeu).

<sup>37</sup> Para essa vogal foi mantido o mesmo símbolo utilizado por Teyssier (2001) /ɛ/. Segundo o autor em sua lista de símbolos (pág. 123), trata-se de uma “vogal átona central; partes, na pronúncia de Portugal”.

<sup>38</sup> O sistema de vogais pretônicas do PE é o seguinte: /i/, /ɛ/, /↔/, /a/, /ɔ/, /o/, /u/. A presença de /o/ deve-se apenas aos casos de monotongação de [ou], como em *dourar* pronunciado d[o]rar. Já *adorar* é ad[u]rar.

evidências de que este seja um fenômeno de mudança em progresso. Para Teyssier, não se pode confundir *"essa evolução (a redução do vocalismo átono do PE) com determinadas interversões entre e e i de um lado, e entre o e u de outro, que aparecem, desde época muito remota, em posição pretônica"*. Dentre essas interversões de que fala o autor, está o processo de alteamento das vogais médias. *"Não se deve, porém, concluir, em nenhum caso que elas caracterizem uma evolução do sistema e, em particular, uma passagem de [e] a [i] e de [o] a [u]"* (Teyssier, 2001, p.74-5).

Ainda segundo Teyssier (2001), o PB também possui aspectos inovadores em relação ao PE. Enquanto no PB as distinções pretônicas entre /e/, /↔/ e /o/, /↘/ foram neutralizadas, o PE ainda conserva tais distinções. É o caso de *pr[e]gar* (fixar com pregos) e *pr[↔]gar* (predicar), *m[o]rar*, *c[↘]rar*, que enquanto em Portugal apresentam vogais fonologicamente distintas, no Brasil ocorrem como variantes de /e/ e /o/, como se pôde constatar na análise feita da variedade veneciana, onde a presença de [↔] e [↘] deve-se a um processo de assimilação de traço da vogal baixa seguinte, e não possui caráter distintivo.

É interessante retomarmos agora a questão do sistema pretônico descrito por Câmara Jr. (1994/1970, p. 44-5). O autor tece considerações apenas sobre uma possível neutralização entre /e/ e /i/, /o/ e /u/, e conclui que ela não ocorre pois a distinção por vezes se recria para fins de clareza comunicativa e que em muitos vocábulos, por interferência do plano morfológico, a vogal pretônica não admite variação (é o caso da atonicidade da vogal pretônica discutida anteriormente). No entanto, ao levar em consideração o dialeto do Rio de Janeiro, onde os abaixamentos são muito escassos, o autor não considera a possibilidade de ocorrência de uma variante baixa em posição pretônica. Que a

neutralização entre /e/, /↔/ e /o/, /↘/ existe, não se discute, mas talvez a representação do sistema pretônico pudesse ser /i/, /E/, /a/, /O/, /u/, onde /E/ e /O/ representariam duas variantes possíveis para essa posição, /e/ e /↔/, /o/ e /↘/, levando-se em conta, assim, todos os dialetos brasileiros.

Já no que concerne às diferenças e semelhanças entre o dialeto capixaba (na variedade de Nova Venécia) e os demais dialetos estudados e levados em conta nesse trabalho (gaúcho, carioca, mineiro, brasiliense, alagoano, baiano e sergipano), foi possível observarmos aspectos bastante interessantes, principalmente no que diz respeito ao abaixamento.

Em linhas gerais, o alteamento descrito para o dialeto capixaba é bem parecido com o identificado nos demais dialetos. Pelo menos no que diz respeito aos ambientes favorecedores mais relevantes, não existe muita diferença. O que há são algumas variações, como no tipo de consoante adjacente que favorece o alteamento neste ou naquele dialeto. O que se percebeu é que existe sim, uma diferença no âmbito lexical, quanto aos vocábulos que podem ser alteados. O que é aceito num determinado dialeto, não o é em outro. No dialeto gaúcho, por exemplo, a autora identificou alguns vocábulos com a pretônica alteada que dificilmente seriam registrados na fala dos venecianos (ao menos nos informantes com o grau de escolaridade considerado no trabalho), como: *p[i]squ[i]sei*, *n[i]c[i]ss[i]dade*, *l[i]cionar*, *r[i]ligião*, *m[u]derna*, *[u]p[u]rtunidade*, *s[u]cidade*, *c[u]m[u]nicação*<sup>39</sup>. O que nos parece é que embora o fenômeno seja o mesmo, cada dialeto tem suas peculiaridades lexicais em relação à aplicação da regra de alteamento.

---

<sup>39</sup> Tais pronúncias podem ser encontradas na fala de pessoas com outros níveis de escolaridade ou em outras regiões do estado.

Os dados obtidos neste trabalho acerca do abaixamento podem ser de interesse para discutir a classificação de Antenor Nascentes (1953) com relação ao falar do Espírito Santo. Como já foi dito no início desse trabalho, o autor insere o falar capixaba no sub-falar fluminense, junto com o Rio de Janeiro. Segundo Nascentes, esse sub-falar fluminense faz parte do grupo do sul do Brasil, que se caracteriza por não apresentar variantes "abertas" em posição pretônica, em oposição ao grupo do norte.

Com base nos resultados aqui apresentados, talvez se devesse incluir o falar capixaba no "grupo norte" e estender a fronteira delimitada por Nascentes (1953), da Bahia para o Espírito Santo. No entanto, a solução não parece ser assim tão simples, pois, como também já foi considerado, o abaixamento que ocorre em Nova Venécia, não possui as mesmas características do abaixamento baiano ou sergipano (os contextos que favorecedores não são os mesmos), e também não é tão freqüente como esses. É preciso ampliar as investigações para poder determinar se essa diferença está apenas na freqüência das variantes baixas, ou se, existe uma diferença na qualidade fonética de [↔] e [↵], sem deixar de ignorar ainda, as características prosódicas de cada dialeto. Nascentes, de maneira simples e muito interessante, diz: "*É palpável a diferença entre a fala **cantada** do nortista e a fala **descansada** do sulista.(...) Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a um destes grupos*" (Nascentes, 1953, p.20 e 25).

No que diz respeito ao abaixamento no território brasileiro, parece haver um *continuum* na implementação desse fenômeno. No falar gaúcho (Bisol, 1981) não foram registradas variantes baixas, nem se imagina que elas possam ocorrer nesse dialeto, bem como na região que vai até o estado de São Paulo<sup>40</sup>. No Rio de Janeiro, como identificou

---

<sup>40</sup> Embora não tenhamos, aqui, dados sobre os falares nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, não

Yacovenço (1993), o falar carioca apresenta alguns poucos casos de abaixamento provenientes da assimilação de traço da vogal baixa subsequente. Embora Viegas (1987) não mencione, o dialeto mineiro (da região de Belo Horizonte) apresenta casos de abaixamento (Lee & Oliveira, 2003) iguais ao de Nova Venécia (porém não se sabe o percentual de aplicação da regra). De acordo com os resultados para o dialeto capixaba, o abaixamento nessa variedade do português é tão freqüente quanto o alteamento. E, por fim, na fala dos baianos e sergipanos (Silva, 1989, Mota, 1979) apresenta-se um número muito mais elevado de abaixamentos em relação aos dialetos de Minas e Espírito Santo.

Um aumento no número de estudos elaborados com outras variedades do dialeto capixaba, incluindo o sul do estado e a capital, permitiria identificar se também existe uma gradação no percentual de aplicação da regra de abaixamento dentro do estado do Espírito Santo, o que contribuiria para confirmar a hipótese de que o estado, juntamente com parte de Minas Gerais, comporia uma região de **transição** no que diz respeito à regra de assimilação ou de "harmonia vocálica".

Como se pode perceber não parece ser tão simples delimitar fronteiras entre as variedades do PB. Faz-se necessária uma ampliação considerável dos estudos sociolinguísticos e dialetológicos no Brasil para que se possam traçar com maior segurança os limites dos fenômenos fonológicos identificados no português brasileiro.



## 6. CONCLUSÃO

O estudo sobre as vogais médias pretônicas no dialeto capixaba, e na variedade de Nova Venécia, permitiu identificarmos vários aspectos comuns a outros dialetos brasileiros, assim como características peculiares do dialeto estudado. Tal estudo proporciona uma visão mais ampliada das médias pretônicas no português brasileiro e a inserção de características dialeto capixaba nos estudos sociolingüísticos no Brasil.

Dentre as principais constatações e descobertas estão:

- As vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [↔, ↓], e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente da sua tonicidade.
- O alteamento das vogais médias pretônicas, assim como nos demais dialetos, tem como principal fator favorecedor a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte.
- A nasalidade da vogal pretônica é fator bastante relevante na aplicação da regra de alteamento. As vogais nasais tendem a favorecer o alteamento de **E**, enquanto **O** alteia mais quando oral.
- A estrutura da sílaba em que se encontra a vogal pretônica também é um fator relevante para o alteamento. As sílabas abertas CV favorecem o alteamento e as sílabas travadas CVC o inibem.
- A atonicidade da vogal pretônica é outro fator relevante. As vogais átonas permanentes são o ambiente favorecedor da aplicação da regra de alteamento tanto de **E** quanto **O**, que também se mostrou favorecido pela vogal de atonicidade casual variável.

- As consoantes que favorecem o alteamento de **E** são a palatal e bilabial precedentes e a velar seguinte. Já para **O**, mostraram-se favorecedoras a palatal e a velar precedentes, além da labiodental seguinte.
- O abaixamento das médias segue os mesmos padrões do alteamento e tem como principal favorecedor a presença de uma vogal baixa na sílaba seguinte.
- As vogais de atonicidade casual baixa são as que mais favorecem o abaixamento das médias **E** e **O**.
- A consoante labiodental favorece o alteamento de **E** em posição precedente, enquanto a alveolar e a bilabial o fazem quando em posição seguinte à pretônica. O abaixamento de **O** é favorecido pelas consoantes seguintes alveolar, palatal e labiodental.
- O abaixamento identificado na variedade estudada não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, mas também não é tão freqüente quanto na Bahia. Parece então, que Espírito Santo é uma região de transição, no que diz respeito à realização das vogais médias em posição pretônica.

## ABSTRACT

The present study is a contribution to characterization of the *capixaba* dialect and its relationship with other Brazilian dialects through a variacionist sociolinguistic research performed upon nine female informant's speech from Nova Venécia city, Espírito Santo State, Brazil. The data utilized was composed by 2,950 pretonic vowel realizations (raising of **E** and **O**/ lowering of **E** and **O**) analysed in relation to eight linguistics factors (nasality, tonic vowel, distance, following pretonic, atonicity, precedent consonant, following consonant, syllable structure) and one extralinguistic factor (age). The data was submitted to a statistic model of logistic regression implemented by Goldvarb computer program through the stepwise regression called Step-Up/Step-Down analysis. The results showed that the pretonic mid vowels can change between mid realizations [e, o], high [i, u] or low [ $\leftrightarrow$ ,  $\downarrow$ ], and such variation occurs by an assimilation process of the following syllable vowel feature, apart its tonicity. Besides following vowel, were important for raising of pretonic mid vowel: its nasality and atonicity, the syllable structure and the adjacents consonants. For the lowering, the relevant factors were the atonicity and the adjacents consonants. Finally is possible to say that in relation to the mid vowel realizations in pretonic position, the *capixaba* dialect is probably a transition between the south and north Brazilian dialects.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M. & PAGOTTO, E. G. Nasalização vocálica no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Fapesp, 1996. VI: Desenvolvimentos. 495-526.

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 2, 23-44, 1981.

ANDERSON, S. R. Problems and perspectives in the description of vowel harmony. In: VAGO, R. M. *Issues in vowel harmony*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1980. 1-48.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese de Doutorado em Lingüística - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

----- . A Harmonização vocálica na fala culta. *DELTA*, v. 4, n. 1, 01-20, 1988.

BORTONI, S. M., GOMES, C. A., MALVAR, E. S., *et al.* Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 20, 75-90, 1991.

CALLOU, D., LEITE, Y. & COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*, v. 18, 71-78, 1991.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 13 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

----- . *Estrutura da língua portuguesa*. 22 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARRERA-SABATÉ, J. Statistics in the analysis of phonetic variation: application of the Goldvarb programme. *Revista de Sociolingüística* [on line]. Disponível: <http://cultura.gencat.es/llengcat/noves/> [capturado em 25 de out. 2002]

CARVALHO, J. H. D. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona. In: *Estudos lingüísticos*. Coimbra: Atlântida Editora, 1969.

CEDERGREN, H. & SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, 50, 333-355, 1974.

CELIA, G. F. Caracterização acústica da vogal média pretônica na fala de um informante capixaba (estudo piloto). manuscrito.

CLARK, J. & YALLOP, C. *An introduction to phonetics and phonology*. 2 ed., Oxford: Blackwell, 1995.

FASOLD, R. W. Microcomputer varbrul 2 system MS-DOS version. October, 17, 1986: manuscript.

JOHNSON, K. *Acoustic and auditory phonetics*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997.

KENT, R. D. & READ, C. *The acoustic analysis of speech*. San Diego: Singular, 1992.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

- LAVIER, J. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LEE, S.-H. & OLIVEIRA, M. A. D. Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D. D. and COLLISCHONN, G. *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. 67-.
- LEMLE, M. Analogia na morfologia: um estudo de caso. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. v. 1. 1621.
- MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. O. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORAES, J., CALLOU, D. & LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. A. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996. V: Convergências. 33-53.
- MOTA, J. A. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE*. 1979. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - Universidade Federal da Bahia.
- NARO, A. J. The history of *e* and *o* in portuguese: a study in linguistic drift. *Language*, 47, 3, 615-645, 1971.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2 ed., Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. D. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolingüística variacionista*. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 101-114.

OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of Sociology of Language*, 89, 93-105, 1991.

PAOLILLO, J. C. *Analysing Linguistic Variation: statistical models and methods*. Stanford, California: CSLI, 2002.

PASSOS, C. & PASSOS, E. O auto-segmento tonal em português. *Estudos lingüísticos e literários, UFBA*, v. 1, 1984.

POTTER, R. K., KOPP, G. A. & KOPP, H. G. *Visible speech*. New York: Dover Publications, 1966.

RAND, D. & SANKOFF, D. GoldVarb - Version 2.0 - On line manual. April, 1990. Disponível: <http://www.crm.umontreal.ca/~sankoff/GoldVarbManual.Dir/> [capturado em 20/10/2002].

ROBINSON, J. S., LAWRENCE, H. R. & TAGLIAMONTE, S. A. A multivariate analysis application for windows - User's manual. October 2001. Disponível: [capturado em 12/11/2002].

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U., DITTMAR, N., *et al.* *Sociolinguistics. An international handbook of the science of language and society*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. 984-997.

SANKOFF, D. & LABOV, W. On the uses of variable rules. *Language Sociology*, 8, 189-222, 1979.

SCHERRE, M. M. P. Levantamento, codificação, digitação e quantificação de

dados. In: MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolingüística variacionista*. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 121-134.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C. and BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa - Faculdade de Letras, UFRJ.

----- Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*, 18, 79-89, 1991.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 5 ed., São Paulo: Ática, 1997.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. 1987. Dissertação de Mestrado em Lingüística - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

VIEGAS, M. C. & VEADO, R. M. A. Alçamento de vogais pretônicas. *Revista de Estudos da Linguagem*, 2, 3, 1995.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

